

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

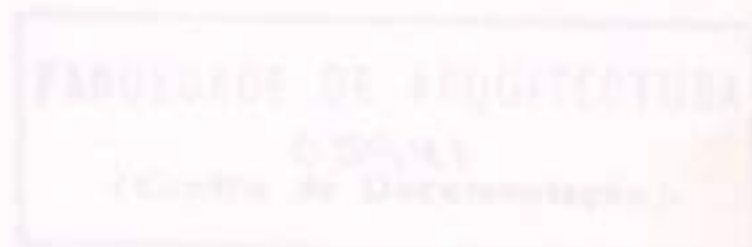
Relatório de Estágio
Licenciatura em Arquitectura

**Preparação para o exercício
da profissão**



João Paulo Ferreira Gomes
6.º ano - n.º 3074 - 1997/1998

Lisboa 1998



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

A arquitectura é a primeira linguagem da arquitectura.
O espaço é a primeira matéria da arquitectura.
A luz é a primeira condição da arquitectura.
A escala é a primeira medida da arquitectura.
O tempo é a primeira função da arquitectura.
A estrutura é a primeira matéria da arquitectura.
A função é o primeiro sentido da arquitectura.

OSCAR PEREIRA

Relatório de Estágio

Licenciatura em Arquitectura

Agir local / Pensar global

OSCAR PEREIRA

Preparação para o exercício da profissão

OSCAR PEREIRA



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012001

Lisboa 1998

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05941
(Centro de Documentação)

Prefácio

A realização de um curso de Arquitectura, é entendida no percurso académico, para permitindo que o conhecimento adquirido...

O gabinete de arquitectura é o lugar onde se toma consciência dos problemas de arquitectura, bem como das tarefas e responsabilidades da profissão de arquitecto.

Tendo como objectivo principal a formação de arquitectos, realizou-se esta missão, o que se verificou ao longo de cinco meses de estágio.

"A arquitectura é o primeiro lugar da nossa cultura contemporânea.

A paisagem é o primeiro lugar da arquitectura.

O vazio é a primeira matéria da arquitectura.

A luz é o primeiro movimento da arquitectura.

A matéria é a primeira cor da arquitectura.

O abrigo é a primeira função da arquitectura.

A inclusão é a primeira missão da arquitectura.

A emoção é o primeiro sentido da arquitectura."

DOMINIQUE PERRAULT

"Pensar global / Agir local.

Agir local / Pensar global."

EDGAR MORIN

"Interessado em genética, considero os homens como uma casa. Uma casa pode ser melhorada mudando portas e janelas, pintando a fachada, acertando o telhado, mas continuará deficiente se o projecto foi mal concebido."

ÓSCAR NIEMEYER

Prefácio

A realização de um estágio, no último ano da licenciatura em Arquitectura, é entendida no sentido de proceder à articulação do final de um percurso académico, com o início de uma prática profissional sustentada, permitindo que o recém-licenciado possa aplicar activamente os conhecimentos adquiridos.

O gabinete de arquitectura é a oficina do arquitecto. É um lugar onde se toma consciência dos problemas inerentes à prática da arquitectura, bem como dos direitos e responsabilidades da profissão de arquitecto.

Tendo como objectivo satisfazer o que anteriormente se referiu, realizou-se este relatório, consequência do trabalho prático efectuado ao longo de cinco meses de estágio.

Agradecimentos

A realização deste estágio não teria sido possível sem a intervenção do Arquitecto Nuno José Figueira Rodrigues Leão, a quem manifestei a minha profunda gratidão, que me transmitiu, quer por todo o apoio dado, quer por toda a disponibilidade e interesse e o material necessário.

Agradeço a todos os colaboradores do gabinete de arquitectura "Nuno Leão - Arquitectos Associados, Lda.", pela prontidão e ajuda dada durante todo o período de estágio.

Agradeço ao Arquitecto Vasco Marçal, pela disponibilidade sempre prestada. Acredito também que um dos aspectos da "arquitectura humana", é a relação de sempre de troca contínua e mútua, que precede sempre a realização.

DESENHO DA CASA E O DEBATE
"Um para a Casa da Família, 1922-1928"
Editora de Lisboa, 1988

Índice

Agradecimentos

A realização deste estágio não teria sido possível sem a orientação do Arquitecto Nuno Maria Figueira Rodrigues Leónidas, a quem manifesto a minha profunda gratidão, quer pelos ensinamentos que me transmitiu, quer por todo o apoio dado, pondo à minha disposição as instalações e o material necessários.

Agradeço a todos os colaboradores do gabinete de arquitectura "Nuno Leónidas - Arquitectos Associados, Lda.", pela prontidão e ajuda dadas durante todo o período de estágio.

Agradeço ao Arquitecto Vasco Massapina, pela disponibilidade sempre prestada. Acredito também que «um dos mistérios da "arquitectura humana", é a fábrica de sonhos da nossa contínua utopia, que precede sempre a realidade.»

DESENHO DA CAPA: © Le Corbusier,
"Les plans Le Corbusier de Paris, 1922-1956",
Éditions de Minuit, Paris, 1956.

Prefácio

Agradecimentos

CAPÍTULO I

1. Introdução

2. Objectivos

CAPÍTULO II

3. Acções desempenhadas

3.1. Projecto de Arquitectura

4. A Profissão de Arquitecto

5. Gabinetes de Arquitectura

5.1. Caso Estratégico

5.2. Organização dos Gabinetes de Arquitectura

5.3. A Qualidade Total

5.4. Métodos e processos

CAPÍTULO III

Conclusões

Índice de figuras

Bibliografia

ANEXOS

Parer do Orientador

Índice

1. Introdução

Sendo a responsabilidade social do arquitecto de natureza diversa, esta desenvolve-se para além do núcleo tradicional da profissão: urbanismo, paisagem, programação, assistência ao utente, etc. Deste modo, o estágio realizado considerou no seu plano a formação e experiência práticas, ligadas às actividades de missão e constituintes da acção fundamental do arquitecto, e concepção de edifícios, bem como o envolvimento numa dinâmica profissional integradora, integrando temas e actividades ligadas à técnica construtiva, à reabilitação, à conservação energética, à direcção e gestão global da qualidade de construção.

Porém, todas estas abordagens exigiram uma enorme reflexão, acerca da complexidade das mudanças que se operam, das ambiguidades, contradições e transições que caracterizam a arquitectura contemporânea. Esta enorme tarefa foi cumprida através de um constante contraponto entre o desenho dos projectos e o trabalho técnico, construtivo e aligeirado no desenvolver do processo de construção.

Assim, longe de pretender por um método ou metodologia de projecto, tomou-se mais importante a qualidade da informação, a eficácia e a qualidade informativa, com a finalidade de construir e habitar.

Nesse sentido, o presente estágio profissionalizante, isto porque estando o estagiário a adquirir conhecimentos nas várias matérias durante o estágio, permitiu identificar-me com grande parte dos aspectos ligados à obra, desde a sua infraestrutura até à sua conclusão, e a importância da informação necessária à profissão competente e proeminente do arquitecto.

Por fim, por forma a orientar, fundamentar e prosseguir na minha educação, de acordo com as responsabilidades da profissão de arquitecto, foi importante a preparação e a compreensão da deontologia profissional.

2. Objectivos

Neste contexto, o principal objectivo do estágio foi o de realizar uma interacção entre os aspectos teóricos e práticos da arquitectura, de modo a ser possível encetar um processo de aprendizagem dos vários aspectos da profissão, a fim de corresponder ao exigente papel do arquitecto perante a actual sociedade.

Prefácio

Agradecimentos

CAPÍTULO I

1. Introdução

2. Objectivos

CAPÍTULO II

3. Acções desempenhadas

3.1. Projectos de Arquitectura

4. A Profissão de Arquitecto

5. Gabinetes de Arquitectura

- Gestão Estratégica

5.1. Organização dos Gabinetes de Arquitectura

5.2. A Qualidade Total

5.3. Métodos e processos

CAPÍTULO III

Conclusões

Índice de figuras

Bibliografia

ANEXOS

Parecer do Orientador

CAPÍTULO I

1. Introdução

Sendo a responsabilidade social do arquitecto de natureza diversa, esta desenvolve-se para além da missão completa *stricto sensu*: urbanismo, paisagem, programação, assistência ao dono da obra, etc. Deste modo, o estágio realizado considerou no seu plano, a formação e experiência práticas, ligadas às actividades de missão completa que constituem a acção fundamental do arquitecto: a concepção de edifícios, bem como o envolvimento numa dinâmica pluridisciplinar e responsabilizadora, integrando temas e actividades ligadas à técnica construtiva, à reabilitação, à conservação energética, à direcção e gestão global da qualidade de construção.

Porém, todas estas abordagens surgiram num momento histórico de enorme reflexão, acerca da complexidade das mudanças que se operam, das ambiguidades, contradições e transições, nas quais se insere a arquitectura contemporânea. Esta enorme tarefa de reflexão, implicou o permanente contraponto entre o desenho dos projectos e o discurso teórico, construído e alicerçado no desenrolar do processo de aprendizagem.

Assim, longe de pretender por em prática um método ou metodologia de projecto, tornou-se mais importante a necessidade de inter-agir a inovação teórica e a qualidade informativa, com a reflexão de problemáticas, processos de construir e habitar.

Nesse sentido, o presente estágio constituiu-se como um período profissionalizante, isto porque estando na posse dos vários conhecimentos adquiridos nas várias matérias durante o percurso escolar, esta experiência permitiu identificar-me com grande parte dos aspectos ligados à obra, desde a sua infraestrutura até à sua conclusão, adquirindo a formação e informação necessárias à profissão competente e prestigiante de arquitecto.

Por fim, por forma a orientar, futuramente, o caminho a prosseguir na minha actuação, de acordo com as responsabilidades da profissão de arquitecto, foi importante a preparação para várias situações de deontologia profissional.

2. Objectivos

Neste contexto, o principal objectivo do estágio foi o de realizar uma interacção entre os aspectos teóricos e práticos da formação em arquitectura, de modo a ser possível encetar um processo de aprendizagem dos vários aspectos da profissão, a fim de corresponder ao exigente papel do arquitecto perante a actual sociedade.

CAP Assim, de modo a preparar o acesso à profissão, esta experiência compreendeu uma participação efectiva a todos os níveis no processo de concepção e realização arquitectónicas:

- Aquisição de experiência prática em gabinete de arquitectura com uma intensa actividade profissional, permitindo o contacto com os processos e métodos de construção e com as qualificações exigidas;
- Aquisição de compreensão e experiência suficientes para participar e dirigir todos os aspectos do projecto, bem como a realização desde a concepção à finalização dos trabalhos e sua manutenção;
- Preparação para um envolvimento total na fase de realização, por forma a assegurar a execução dos objectivos do projecto arquitectónico, conferindo um papel de consultor, garantindo desse modo, a manutenção desses objectivos em posterior fase de utilização dos edifícios;
- Envolvimento numa dinâmica pluridisciplinar e responsabilizadora, integrando a responsabilidade de natureza pública e social do arquitecto pelo quadro espacial da vida humana:

- por um lado no sentido dos temas e actividades ligadas ao Ambiente, ao Ordenamento do Território, ao Urbanismo e à gestão do espaço urbano;

- por outro lado no sentido dos temas e actividades ligadas à técnica construtiva, à reabilitação, à conservação energética, à direcção e gestão global da qualidade de construção.

CAPÍTULO II

3. Acções desempenhadas

Dado que a prática profissional do arquitecto compreende uma série de missões dentro da prática e do processo de construção, levou-se a cabo o desempenho de tarefas, contidas nas seguintes acções:

- elaboração de estudos prévios e realização de processos com vista à obtenção da aprovação do projecto;
- preparação de desenhos, memórias descritivas e cadernos de encargos;
- elaboração de calendarizações para as diversas fases dos trabalhos;
- reunião com os técnicos das diversas especialidades que intervêm na elaboração de projectos;
- preparação de documentos técnicos e relatórios, relativos às várias fases dos projectos;
- fiscalização de trabalhos;
- tomada de consciência dos aspectos financeiros da gestão da obra, tendo em conta o seu controlo permanente;
- verificação do cumprimento de especificações contidas nos projectos;
- apoio e acompanhamento dos clientes, no processo de concepção dos projectos;
- gestão da informação, controlo e implemento de processos de qualidade total, através da utilização de tecnologias de informação (sistemas CAD e bases de dados);
- aplicação de estratégias de "marketing".

3.1. Projectos de arquitectura

Foi possível colaborar na elaboração dos seguintes projectos de arquitectura, cada um com as suas especificidades e exigências:

Farmácia Beirão Rendeiro - Projecto de Remodelação (colaboração)

1. Localização

Inserida no contexto urbano da vila de Caminha, na Rua da Corredoura, 50 - 54.

2. Programa

- Refuncionalização do espaço;
- Escolha e estudo de mobiliário adequado, bem como a correcta integração de mobiliário já existente, através da criação de um vasto espaço de exposição horizontal dos produtos farmacêuticos;
- Criação de uma imagem mais sugestiva do próprio espaço de exposição de produtos, dotando-a de uma forte personalidade;
- Recuperação Arquitectónica da fachada;
- A opção e exigência de que a história e a imagem da farmácia eram valores a conservar, integrando elementos novos com elementos já existentes;
- A escolha de materiais, tons, cromatismos, que revelassem e definissem, de um modo bastante preciso a personalidade da farmácia;
- A imagem tradicional *versus* uma imagem que incorporasse novos valores e conceitos - exigências de "marketing".

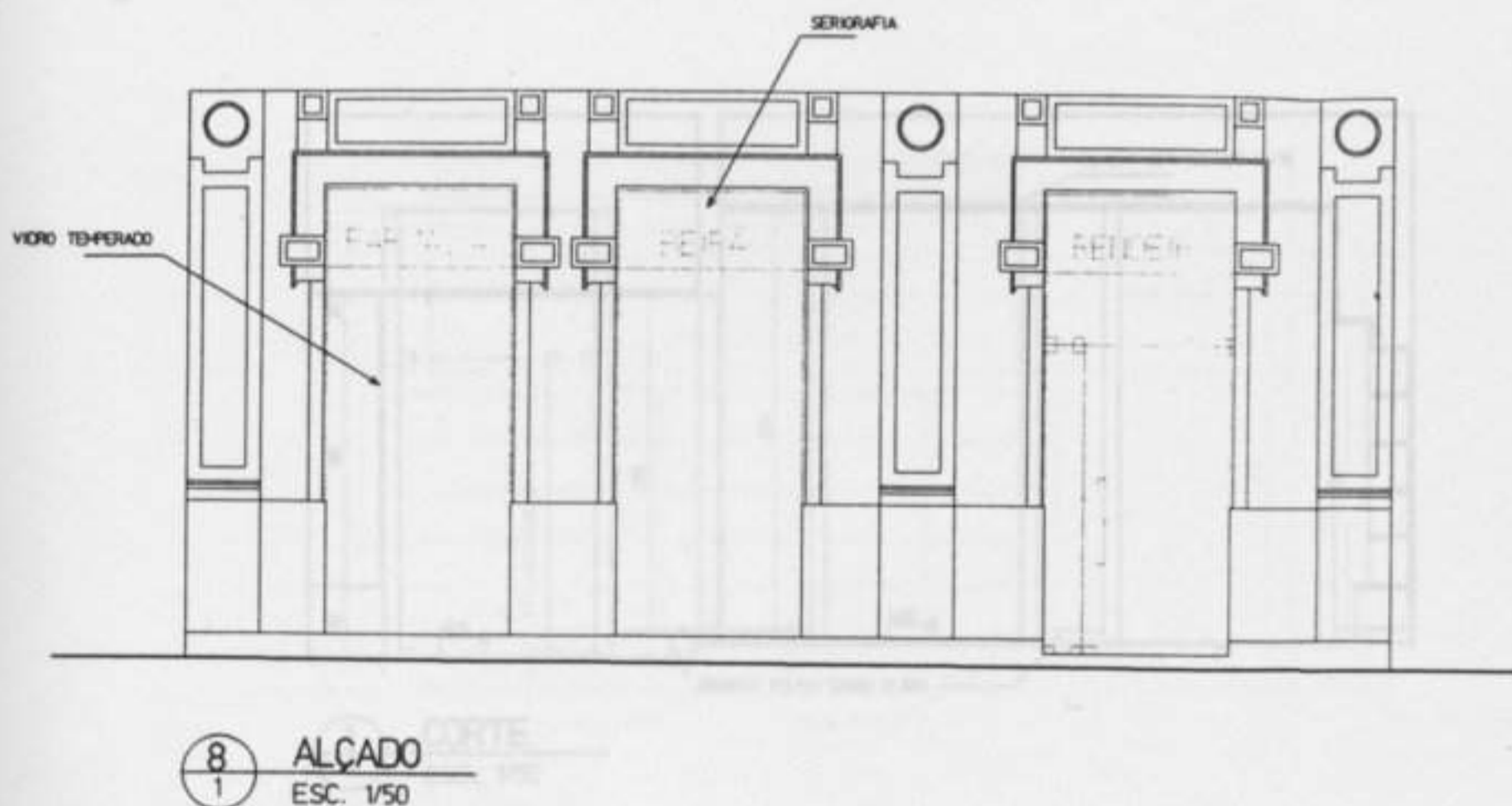


Fig.1 Alçado

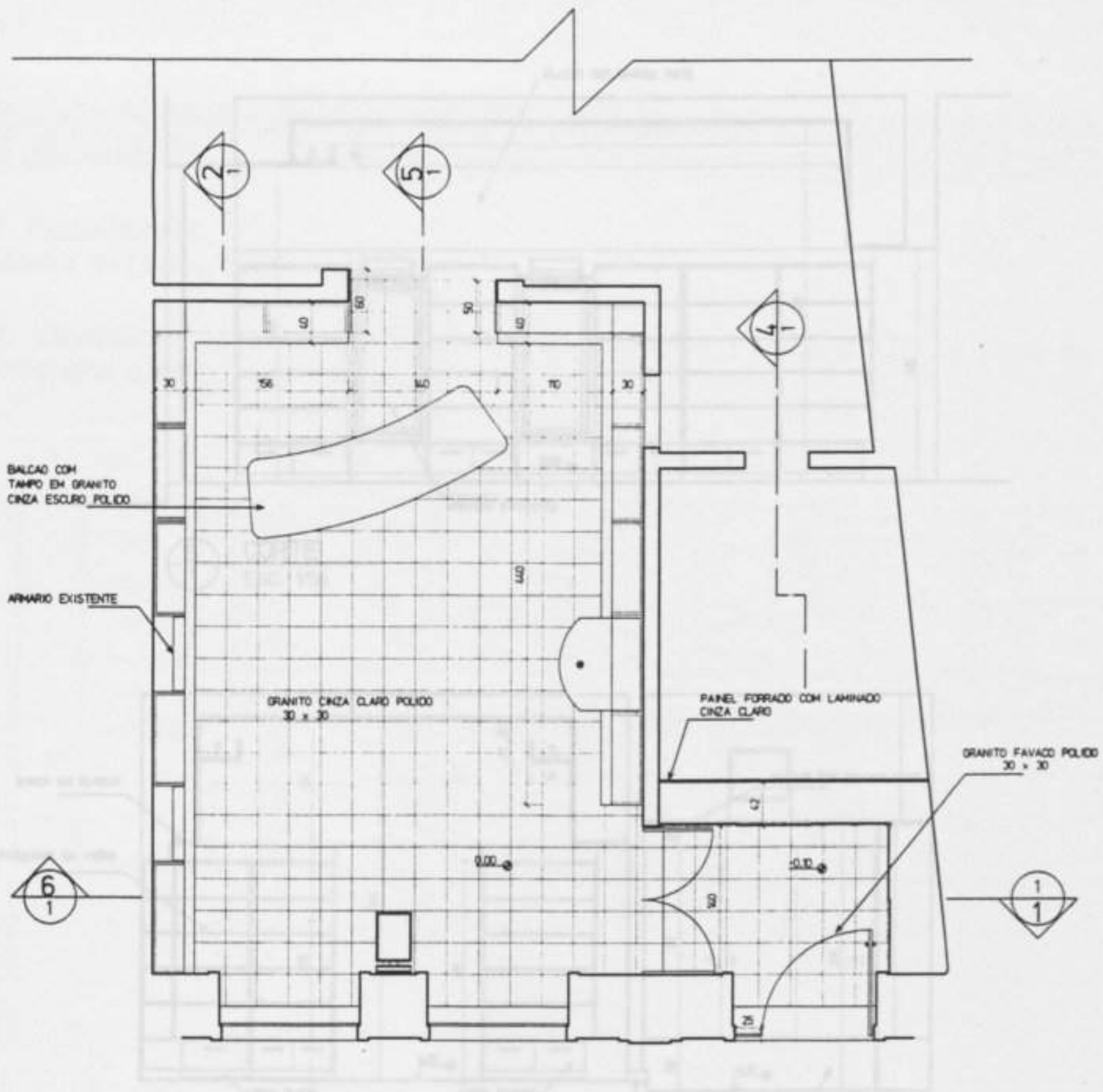
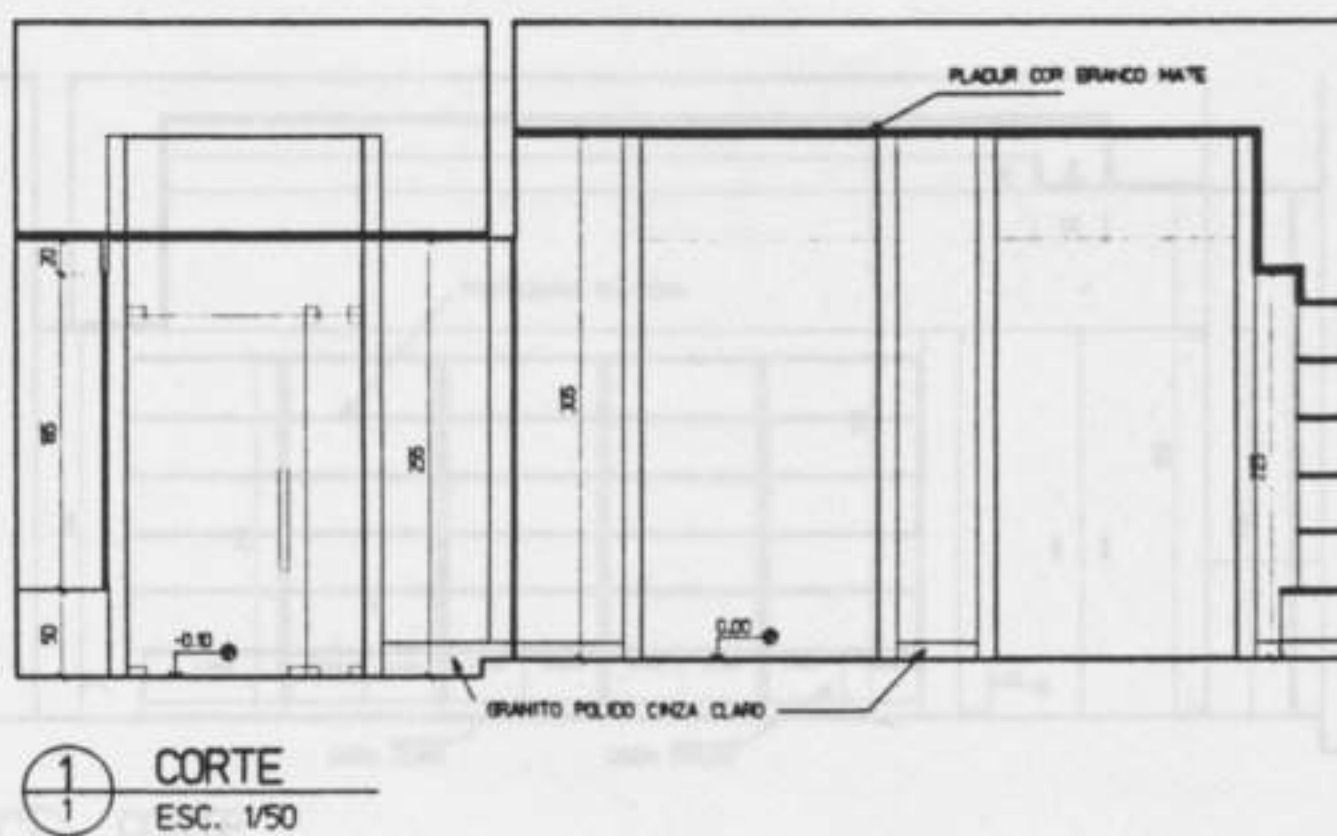
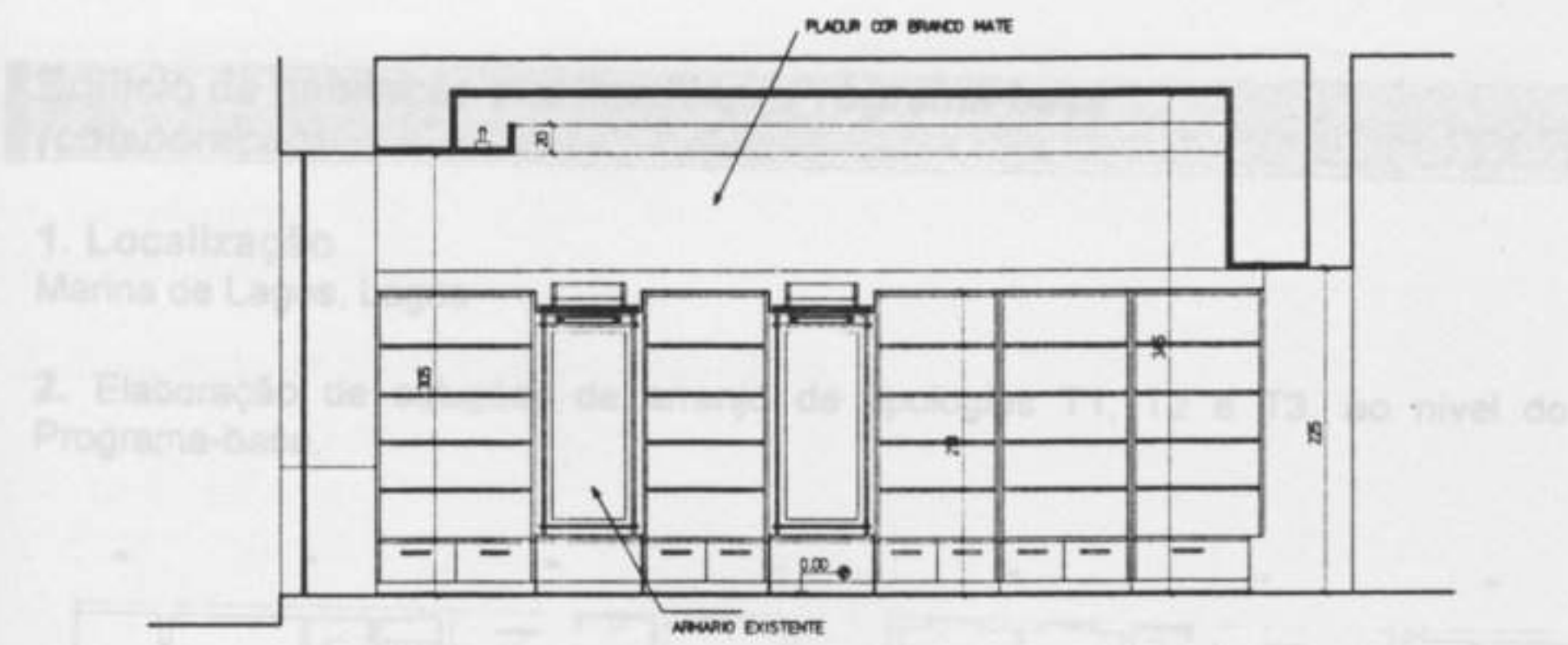


Fig.2 Planta

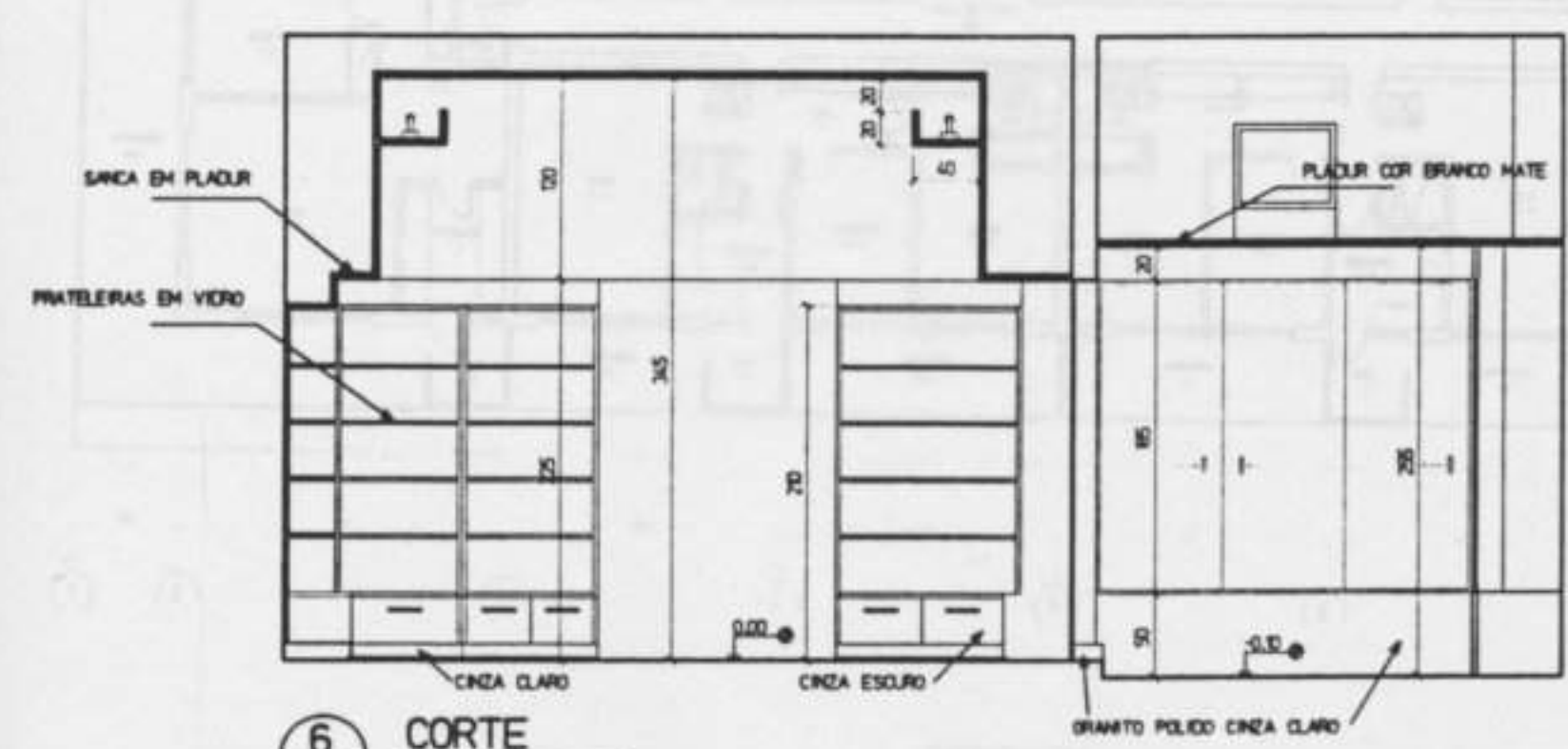


1-1
CORTE
ESC. 1/50

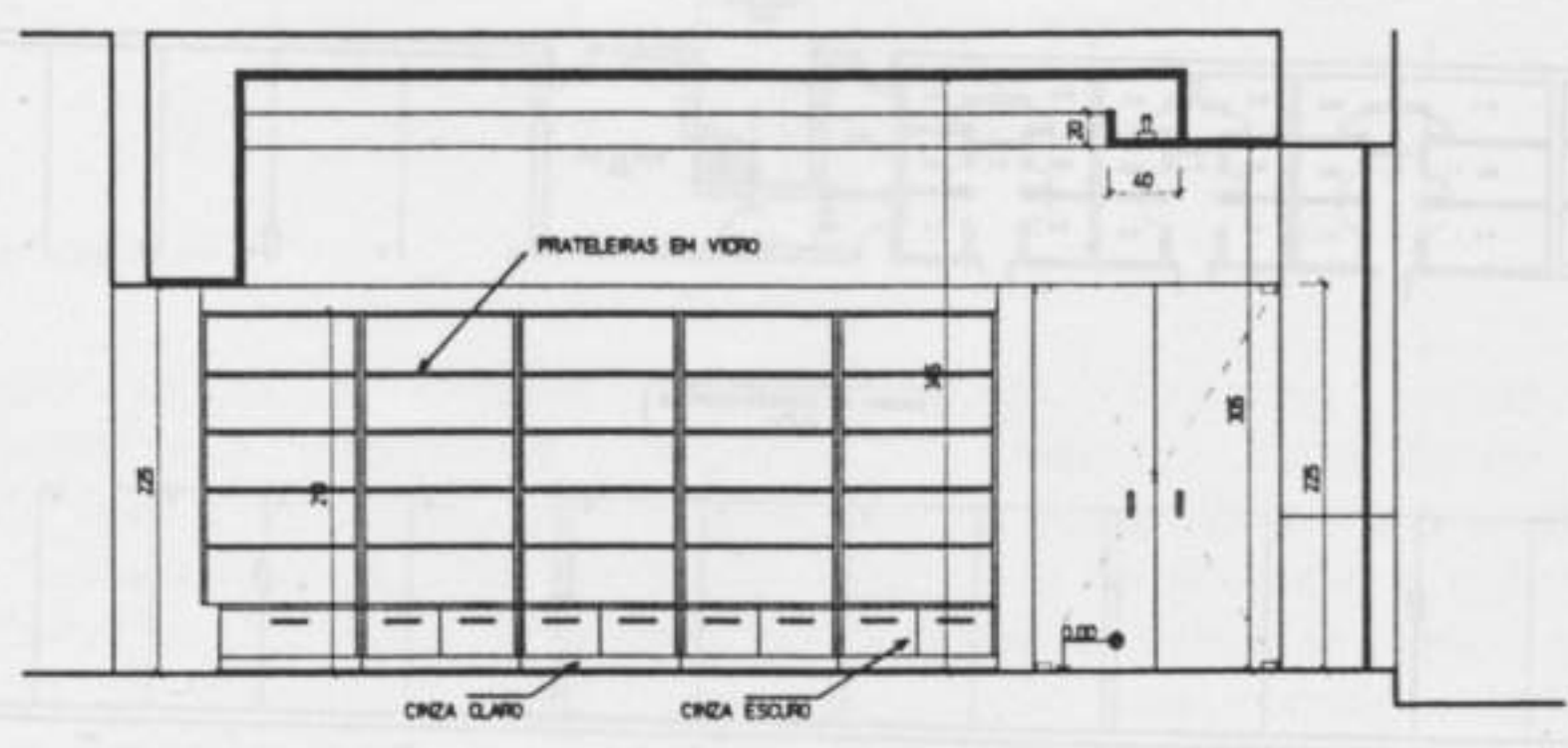
Fig.3 Corte



5 CORTE
1 ESC. 1/50



6 CORTE
1 ESC. 1/50



3 CORTE
1 ESC. 1/50

Fig. 4 Planta do Piso-Topo e do Piso do Equipamento

Fig.4 Cortes

Edifício de habitação plurifamiliar - Programa-base (colaboração)

1. Localização
Marina de Lagos, Lagos

2. Elaboração de soluções de arranjo de tipologias T1, T2 e T3, ao nível do Programa-base.

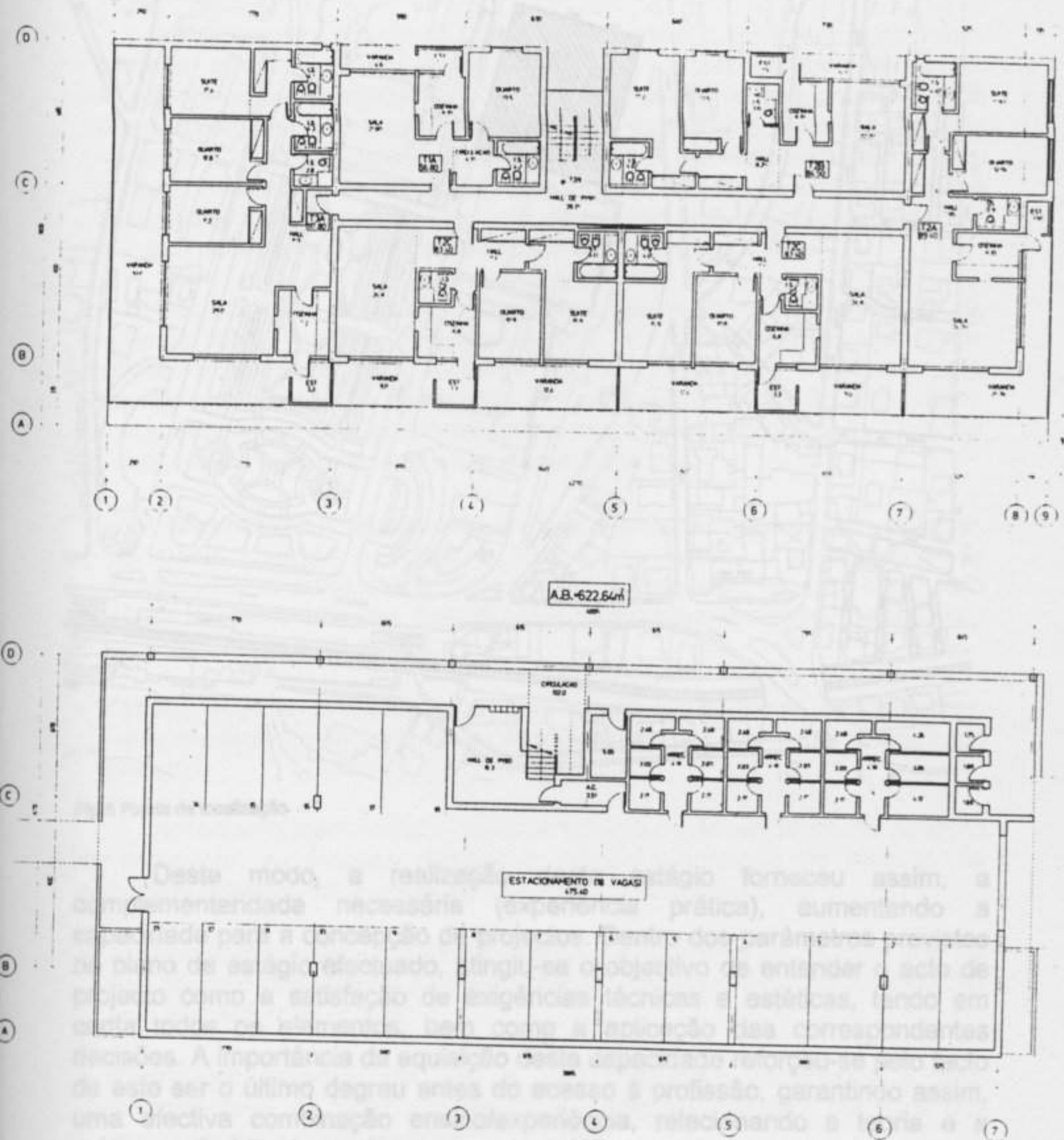


Fig. 5 Planta do Piso-Tipo e do Piso do Estacionamento

Centro de Exposições e Congressos do Estoril - Concurso (colaboração)

1. Localização

Avenida Clotilde, Estoril

2. Elaboração de soluções específicas várias.



Fig.6 Planta de localização

Deste modo, a realização deste estágio forneceu assim, a complementaridade necessária (experiência prática), aumentando a capacidade para a concepção de projectos. Dentro dos parâmetros previstos no plano de estágio efectuado, atingiu-se o objectivo de entender o acto de projecto como a satisfação de exigências técnicas e estéticas, tendo em conta todos os elementos, bem como a aplicação das correspondentes decisões. A importância da aquisição desta capacidade reforçou-se pelo facto de este ser o último degrau antes do acesso à profissão, garantindo assim, uma efectiva combinação ensino/experiência, relacionando a teoria e a prática no âmbito de um único processo criativo.

4. A profissão de Arquitecto

"Os arquitectos são aqueles em quem a sociedade depositou o poder de construir."

Como é do conhecimento geral, o sector da construção representa uma posição estratégica dentro da economia portuguesa. Quer pela própria natureza da actividade que lhe é inerente, quer pelas óbvias repercursões nas indústrias e actividades económicas, situadas a montante e a jusante desse sector.

Neste quadro, a profissão de arquitecto está a ser influenciada pelas mutações económicas e sociais que sofre o sector da construção, encontrando-se confrontada com uma complexidade de exigências. Sendo um técnico multifacetado, tem no âmbito da sua actividade profissional muitas e variadas acções que se complementam entre si, na realização final do seu objectivo. Para além, de ter de realizar um trabalho de intensa pesquisa e investigação, antecedente ao seu acto de criação, tem de assumir cada vez mais uma posição face ao sentido económico do projecto.

Desta forma, o estágio permitiu-me entender que a profissão de arquitecto deve integrar, necessariamente, múltiplas funções, tais como: conhecedor informado dos sistemas técnico-construtivos existentes, dos materiais e processos de construção (em permanente evolução e mutação), um auscultador atento das necessidades, intenções e objectivos do promotor da obra, bem como, principalmente, assumir-se como:

- **Planeador/Gestor:** procedendo ao total planeamento/gestão do projecto, de modo a atingir o objectivo final. Surge assim, a necessidade de acompanhar e prever, o faseamento da prossecução do projecto e das várias tarefas a executar, bem como a correcta coordenação dos recursos humanos e materiais ao dispor;
- **Crítico:** assumindo o controlo de uma equipa que pode ser pluridisciplinar, deve controlar criticamente o desenvolvimento das várias fases do projecto;

No entanto, para cumprir cabalmente o pleno desempenho da vocação de arquitecto, as funções requeridas exigem ainda que no decurso da actividade profissional, a actuação se processe também, como:

- **Artista:** sabendo dar uma forma plástica e volumétrica ao projecto que vai realizar, não descurando as determinações técnicas e funcionais exigidas pelo respectivo programa;
- **Pedagogo:** sabendo dar uso a uma linguagem esclarecida e bem fundamentada, de fácil compreensão e rápido entendimento por parte dos interlocutores a quem se dirige;

- **Engenheiro:** não se pretendendo que o arquitecto desempenhe o papel do engenheiro como tal, exige-se que faculte à equipa pluridisciplinar, composta por engenheiros de várias especialidades, os elementos necessários, de natureza técnica e estruturantes, permitindo uma correcta colaboração dos vários técnicos na execução do projecto geral de arquitectura.
- **Urbanista:** permitindo o conhecimento desta área de actividade, e o modo de actuação a vários níveis de planeamento, nomeadamente a nível territorial, regional, distrital, concelhio, local e urbano. Surge assim, a necessidade de entender a especificidade dos vários planos:
 - PROT - Plano Regional de Ordenamento do Território;
 - PDM - Plano Director Municipal;
 - PGU - Plano Geral de Urbanização;
 - PPU - Plano de Pormenor Urbano;
 - PLU - Plano de Loteamento Urbano.
- **Legalista:** por forma a poder levar à prática na elaboração de projectos, existe a necessidade de possuir conhecimentos de todas as determinações legais produzidas pela Lei Geral, através das suas normas e regulamentos específicos:
 - RGEU (Regulamento Geral das Edificações Urbanas);
 - Regime Jurídico de Licenciamento Municipal de Obras Particulares;
 - Regime Jurídico de Loteamentos Urbanos;
 - Código das Expropriações;
 - Medidas de Segurança contra incêndios;
 - RCCTE (Regulamento das Características de Comportamento Térmico dos Edifícios) e Regulamento da Qualidade dos Sistemas Energéticos de Climatização em Edifícios;
 - RITA (Regulamento de Instalações Telefónicas de Assinantes);
 - Legislação sobre o Ruído;
 - Regulamentos Gerais de Canalizações de Águas e Esgotos;
 - Etc.

Deverá ainda estar devidamente apetrechado, de conhecimentos que lhe permitam interpretar e decidir sobre o clausulado constante dos contratos que terá de formalizar com os clientes: promotores de obras públicas ou particulares.

Deste modo, houve uma profunda tomada de consciência que para além das funções enunciadas, torna-se fundamental o seu complemento, importante na dinâmica da construção do projecto arquitectónico. Assim, existe também, a necessidade de:

- Complementar a formação do arquitecto, orientada fundamentalmente para a criação, através de uma aproximação cada vez maior às realidades económicas e técnicas. Entende-se assim, a necessidade de uma maior acção, no que diz respeito ao sentido económico do projecto (desde o custo da elaboração das várias fases e estudos, bem como nos custos imputados à execução da obra);
- Sem ser necessário perder a liberdade de concepção, o arquitecto deve estruturar e organizar a sua actividade profissional, de modo a adaptar-se crescentemente à evolução e mutação das necessidades dos promotores da obra / clientes;
- O arquitecto deve ter em conta, com bastante acuidade, critérios de produtividade, no quadro de organizações que se inserem num contexto global de competitividade crescente.

Desde logo, os estandares de função de um gabinete de arquitectura como um espaço físico onde os projectos vão ser concebidos, produzidos e controlados. Dado que para esta espécie de funcional e operativo, necessita de uma organização e racionalização eficazes, equivale a dizer que, face ao conjunto de meios que se são colocados, haverá sempre atingir eficientemente e economicamente os objectivos propostos.

Assim, faz-se necessário verificar que a actividade de um gabinete de arquitectura implica não só a intervenção dos seus técnicos na análise e estudo do programa proposto e eventual desenvolvimento de todo o processo com a busca de soluções, terminando com a conclusão do produto final.

3.1. Organização dos gabinetes de arquitectura

Por forma a tornar eficiente a acção de um gabinete de arquitectura na sua "missão" de elaborar projectos, além disso, a necessidade de o arquitecto proceder à pirâmide e articulação dos vários departamentos de estudo.

Assim, poder-se-á subdividir a actividade de um gabinete, o que pode ser feito de várias maneiras de dois sectores principais: um sector de estudos e um sector de desenho, estando permanentemente em inter-relação dinâmica.

Sector de estudos: neste nível, o arquitecto pode proceder ao estudo dos elementos que irá fazer funcionar para promover da obra, trabalhando inicialmente, caso existam, com os desenvolvedores. Não se trata, que cada departamento de arquitectura e arquitectura seja organizado de modo a trabalhar de forma independente ou em associação, através de grupos de trabalho. Nesta situação, cada nível a parâmetros de um arquitecto autónomo, a quem são conferidos poderes de maior responsabilidade.

5. Gabinetes de arquitectura - a Gestão Estratégica

A experiência obtida com o presente estágio, permitiu sobretudo, tomar contacto com os diversos processos, necessários para uma organização de qualidade na prática da arquitectura, bem como a necessidade de incrementar, cada vez mais, a necessidade do **pensamento estratégico**. Isto porque a troca do planear pelo pensar, é entendida como aquela que melhor dissocia a estratégia, da lógica, da programação, da limitação e fixação de objectivos e a associa ao instinto, permitindo captar as discontinuidades e oportunidades. Para isso foi fundamental entender a importância da **informação** como uma mais-valia que é aumentada não pelo trabalho mas pelo conhecimento, através da sua sistematização, amplificando a força da inteligência do arquitecto nas várias situações às quais é chamado a gerir.

Desde logo, no entendimento da função de um gabinete de arquitectura como um espaço físico onde os projectos vão ser concebidos, produzidos e concluídos. Dado que para este espaço ser funcional e operativo, necessita de uma organização e racionalização eficazes, equivale a dizer que, face ao conjunto de meios que ali são colocados, deverá permitir atingir eficiente e economicamente os objectivos propostos.

Assim, foi-me permitido entender que a actividade de um gabinete de arquitectura inicia-se com a intervenção dos seus técnicos na análise e estudo do programa proposto a executar, desenvolvendo-se todo o processo com a busca de soluções, terminando com a conclusão do produto final.

5.1. Organização dos gabinetes de arquitectura

Por forma a tornar eficiente a acção de um gabinete de arquitectura na sua "missão" de elaborar projectos, existe então, a necessidade de o arquitecto proceder à planificação e articulação dos vários elementos de estudo.

Assim, poder-se-á subdividir a actividade de um gabinete, o que pode ser levado à prática através de dois sectores principais: um sector de estudos e um sector de desenho, estando permanentemente em inter-relação dinâmica.

- **Sector de estudos:** neste nível, o arquitecto pode proceder ao estudo dos elementos que lhe foram fornecidos pelo promotor da obra, trabalhando intimamente, caso existam, com os desenhadores. Nota-se ainda, que consoante determinadas circunstâncias, o arquitecto e/ou engenheiro pode operar individualmente ou em associação, através de grupos de trabalho. Nessa situação, pode haver a assistência de um arquitecto estagiário, a quem são confiados estudos de menor responsabilidade.

- **Sector de desenho:** neste nível, existe a necessidade de possuir desenhadores que são os responsáveis pela reprodução de formas gráficas, esquemas, plantas, alçados, perspectivas, etc., provenientes do sector de estudos. Assim, é importantíssimo assegurar uma eficaz ligação do projecto em execução com o arquitecto responsável por ele; a correcta preparação dos trabalhos dos desenhadores, distribuindo as tarefas, controlando a execução dos trabalhos, de acordo com o cronograma de actividades, prevendo antecipadamente os complementos de informação que serão necessários. Neste sector, procede-se ainda à gestão dos documentos produzidos, bem como à referenciação através de números de registo, mantendo permanentemente actualizada a respectiva arquivagem. Após a conclusão dos trabalhos de execução de um projecto, procede-se à última verificação, de modo a enviar os desenhos produzidos, ao sector de estudos para a aprovação final pelo arquitecto responsável.

No entanto, dentro da actividade de um gabinete de arquitectura, podem existir ainda, importantes unidades que se interliguem relacionalmente:

- **Secretariado:** tendo como objectivo e em termos muito sumários, uma acção de relações públicas no contacto com o exterior da organização. Internamente, procede à recepção e emissão de documentos, envio de correspondência, bem como ao seu arquivo. Executa ainda, toda a documentação de natureza administrativa e técnica.
- **Contabilidade:** procedendo à organização e ao registo dos valores recebidos e pagos, bem como à organização da contabilidade geral.
- **Serviços de Reprodução:** servindo para a execução de toda a natureza de reprodução de documentação escrita ou desenhada, em conformidade com a diversidade de equipamentos existentes.
- **Arquivo:** a importância do arquivo é fundamental para condicionar toda a documentação escrita e desenhada produzida pelo gabinete, podendo existir diversos tipos e sistemas de arquivagem.
- **Organização de processos:** a produção e organização de um projecto de arquitectura tem os seguintes objectivos gerais:
 - a) ser enviado para apreciação pela respectiva Câmara Municipal (Projecto de Licenciamento), exigindo normalmente 4 exemplares e, eventualmente 1 transparente;
 - b) ser fornecido ao cliente, com o número de exemplares pedidos;
 - c) dar entrada no arquivo do gabinete, através de 1 exemplar + original;

d) consoante as várias especialidades intervenientes, fornecendo o número de exemplares necessários, transparentes ou não, das matrizes do projecto de arquitectura.

5.2. A Qualidade Total

Integrada numa organização eficiente de um gabinete de arquitectura, a qualidade assume-se como a aptidão que os produtos e serviços têm para satisfazer as necessidades e expectativas do mercado a que se destinam.

Deste modo, os princípios de procura da qualidade, são fundamentais na actividade arquitectónica. É uma das exigências para que a profissão de arquitecto se integre num espaço económico cada vez mais alargado.

A opção pela qualidade traduz-se por uma questão cultural, tratando-se sobretudo de uma filosofia de actuação dirigida, por um lado aos gabinetes de arquitectura, materializando-se em querer produzir bem à primeira vez e de acordo com determinados padrões, e por outro à crescente satisfação das necessidades dos clientes. Isto porque por tudo aquilo que me foi dado a entender ao longo do desenvolvimento do estágio, não basta satisfazermos aqueles que procuram os serviços do arquitecto com o melhor serviço / projecto arquitectónico. Aquilo que se torna importante será o de conseguirmos fidelizar os clientes pelo entusiasmo, pela emoção, pelo sonho, enfim, envolvendo-os e envolvendo-nos no processo de criação.

No entanto, o conceito de *Qualidade Total* inclui não apenas as funções de controle de qualidade, mas sobretudo, as actividades interdependentes e multifuncionais, executadas por toda a equipa. Deste modo, é importante prever aquilo que se pretende fazer, fazer de acordo com aquilo que se preveu, verificar se aquilo que se fez corresponde ao previsto e finalmente, melhorar aquilo que não funcionou bem. A melhoria da qualidade, sob a forma de eliminação das falhas do serviço prestado, torna-se assim, um meio fundamental para a melhoria da produtividade.

Deste modo, através destes métodos de trabalho, conseguem-se:

- ganhos de produtividade e de eficácia nos processos de concepção dos projectos arquitectónicos;
- uma melhoria crescente nos custos de funcionamento;
- uma utilização mais racional dos novos métodos de trabalho (sistemas CAD, Internet, etc.);
- uma capitalização cada vez maior do saber-fazer.

A aplicação de metodologias no sentido de incrementar sistemas de qualidade, podem permitir:

- maior disponibilidade para o arquitecto poder desenvolver a sua principal actividade: de criação e concepção arquitectónicas;
- melhores prestações de serviço aos diversos clientes;
- organizações mais eficazes, podendo explorar novos mercados e/ou alargar os existentes.

Em suma: no campo da execução de projectos de arquitectura, foi importante a tomada de consciência de que são necessárias importantes mudanças de comportamento e pontos de vista da gestão tradicional, sendo possível a identificação de três áreas fundamentais: novas estratégias de gestão com novas políticas, objectivos, planos, organização, medições, controles; melhoria contínua da qualidade de execução e formação contínua do arquitecto, assumindo sempre, o controlo e melhoria da qualidade.

Tudo para podermos agir com rigor, assegurando permanentemente que o serviço de arquitectura prestado está conforme as várias necessidades do cliente, bem como introduzir eficácia no processo de criação e concepção arquitectónicas, diminuindo custos, cumprindo cabalmente os propósitos de um sistema de *Qualidade Total*.

5.3. Métodos e processos

Deste modo, todos os estudos de concepção e criatividade têm sempre um ponto de partida, isto é, baseiam-se no desencadear de um processo composto por várias métodos que visam atingir os objectivos pretendidos. Daqui decorre toda uma série de metodologias, integradas dentro de uma visão estratégica de desenvolvimento da actividade produtiva, das quais, destaco aquelas que me foi possível tomar conhecimento pelo decorrer das acções previstas para o estágio:

1. Proceder à análise do mercado, de modo a potenciar a capacidade de colocar em funcionamento os meios necessários, corresponde à identificação de certas operações, através das seguinte fases:

FASE 1. Análise do mercado

1.1. Análise dos clientes existentes

- Análise da tipologia dos clientes, procedendo à elaboração de estratégias de fidelização.

1.2. Análise da evolução/mudança do mercado

- Gestão da mudança.

FASE 2. Escolha de uma estratégia

2.1. Definição de uma estratégia

- Proceder à escolha de uma estratégia adequada, tendo em conta o ambiente económico.

FASE 3. Aplicação de uma estratégia

3.1. Meios

- Colocação à disposição dos meios humanos e técnicos necessários que permitam a aplicação da estratégia escolhida.

3.2. Acção sobre os clientes

3.3. Avaliação

- Avaliação do modo como se processou a evolução da estratégia em função dos resultados, analisando as causas de eventuais falhas.

2. O modo de se proceder, desde a correcta identificação de um projecto a concurso até à sua admissão, deve atender a determinadas regras, desencadeando as seguintes fases:

FASE 1. Análise prévia

1.1. Detecção e análise de oportunidades

- Análise conveniente da existência de grandes oportunidades da equipa e, conseqüentemente, do gabinete de arquitectura vencer o concurso.

1.2. Análise das necessidades contidas no programa do cliente

- Existe assim, a necessidade de analisar o projecto, o caderno de encargos, bem como o respectivo programa de concurso.

1.3. Adequação dos meios e competências ao projecto em causa

- Confirmação da adequação dos meios e competências face ao projecto a concurso.

FASE 2. Definição de um dossier específico [caso se verifique o cumprimento da fase 1]

2.1. Definição de um dossier específico

- A necessidade de elaborar um dossier personalizado, de modo a demonstrar o cumprimento das necessidades contidas no programa a concurso, bem como a forma como se responde às várias funções.

- Quando em presença de um concurso, pode haver a necessidade de juntar o Caderno de Encargos ao projecto geral. Este documento conterà assim, ordenado por artigos numerados, as cláusulas jurídicas, administrativas, técnicas gerais e especiais que estarão incluídas no contrato a celebrar com o empreiteiro escolhido, e pelo qual este terá de reger toda a execução dos trabalhos. O Caderno de Encargos deverá distribuir-se, fundamentalmente, por três grupos:

GRUPO 1

A - Cláusulas jurídicas e administrativas gerais.

B - Cláusulas jurídicas especiais.

Os elementos constantes das diversas cláusulas são comuns a todas as especialidades constantes do projecto geral.

GRUPO 2

C - Cláusulas técnicas gerais:

- produtos naturais e materiais simples.

- produtos artificiais, materiais compostos, elementos da construção.

Os elementos constantes deste grupo são comuns ao projecto de arquitectura e estrutura.

GRUPO 3

D - Cláusulas técnicas especiais.

Estas cláusulas vão constituir o conjunto de todos os itens da construção.

- Cada especialidade interveniente no projecto geral deverá documentar individualmente o seu projecto, com as respectivas condições técnicas especiais.

FASE 3. Dossier (Portefólio)

3.1. Promoção do dossier

- Ser admitido a concurso.

3.2. Análise dos resultados

- Análise das oportunidades.

Indicadores importantes:

- análise das necessidades validadas antes de entregar o dossier.
- % de gabinetes de arquitectura admitidos / número de dossiers entregues a concurso.
- número de horas necessárias para constituir um dossier.

3. A prestação de serviços de arquitectura, sugere a necessidade de se proceder à correcta identificação das tarefas a cumprir, dirigindo toda a atenção para a *Qualidade Total*. Assim, torna-se fundamental:

FASE 1. Análises prévias

1.1. Detecção e análise das oportunidades

1.2. Análise das necessidades do cliente

- Contacto com o cliente;
- Análise das suas necessidades;
- Demonstrar-lhe a existência de um sistema de qualidade.

1.3. Adequação dos meios e competências ao projecto

- Confirmação da adequação da equipa e meios ao dispor.

FASE 2. Processo de criação / concepção arquitectónica

2.1. Acompanhamento do desempenho do processo

- Fornecimento ao cliente de todos os elementos que fazem parte do processo, demonstrando o cumprimento das suas necessidades e exigências, bem como o modo como se irão consubstanciar. Nesta fase, deve-se garantir a oferta do serviço, tentando fidelizar o cliente.

FASE 3. Defesa da oferta de serviço

3.1. Promoção da oferta

- Obtenção do comando da execução do processo de criação/concepção arquitectónica.

3.2. Análise dos resultados

- Análise e compreensão das razões pelas quais o cliente rejeitou ou manteve a nossa prestação de serviço.
- Caso consigamos manter a nossa prestação de serviço, devemos capitalizar a experiência.

Indicador importante:

- número de horas necessárias para a prestação de serviço (produtividade).

4. O estabelecimento e a negociação de um contrato de prestação de serviços de arquitectura, necessita do cumprimento de uma série de fases que vão desde o acordo de princípio até à assinatura do contrato. Desta forma, poder-se-á proceder da seguinte forma:

FASE 1. Identificação da "missão"

1.1. Expressão das necessidades do cliente

- Formalização das necessidades do cliente e análise do programa-base.

1.2. Definição e organização da "missão"

- Análise das tarefas a desempenhar e análise da complexidade da operação, tentando integrar todos os riscos inerentes.

1.3. Adequação dos meios. Início da operação

- Análise e organização das competências para o desempenho das várias tarefas.

FASE 2. Oferta do serviço

2.1. Estabelecimento da oferta

- Necessidade de estimar os custos de cada tarefa e de cada elemento que se integram na "missão".

2.2. Apresentação do sistema de gestão de Qualidade Total

- Apresentação aos clientes do sistema de qualidade existente, bem como expor o modo como se processará o acompanhamento.

FASE 3. Negociação

3.1. Negociação com o cliente

- Apresentação da análise da "missão" proposta, iniciando a negociação do contrato.

3.2. Negociação com as equipas responsáveis pelas diversas especialidades

- Formalização da repartição de tarefas e dos respectivos honorários, de acordo com as equipas das diversas especialidades, envolvidas no projecto a executar.

FASE 4. Contrato

4.1. Assinatura do contrato

- Procedimento de assinatura do contrato pelo cliente, bem como a assinatura de acordo com as equipas das diversas especialidades.

Indicador importante:

- margem de benefício para o gabinete de arquitectura.

5. A necessidade suplementar de eventuais trabalhos não cobertos pelo contrato, assumindo-se como prestações anexas, exige que se assumam, sempre, o comando da prestação do serviço. Deste modo, depois de convenientemente identificada a "missão" a desempenhar, poder-se-á proceder da seguinte forma:

FASE 1. Análise

1.1. "Missões" complementares clássicas, missão de base

- Análise das tarefas a executar pela equipa de arquitectura, bem como pelas equipas responsáveis pelos projectos das respectivas especialidades que intervêm no processo.

1.2. "Missões" específicas cliente e/ou obra

- Reparação dos serviços necessários para mais depressa permitir um novo posicionamento face ao processo.

FASE 2. Proposta de serviços

2.1. Definição das "missões" anexas

- Avaliação das prestações bem como das respectivas responsabilidades.
- Análise das competências e dos meios internos de oferta de serviços.
- Garantia da adequação do gabinete de arquitectura à "missão".

2.2. Estabelecimento da oferta

- Estimativa dos custos de cada tarefa.
- Redacção conveniente da proposta de contrato.

FASE 3. Conclusão

3.1. Negociação

- Obtenção da posição de comando do processo de negociação.

3.2. Avaliação

- Quantificação e análise dos encargos inerentes.

6. A importância e o poder da imagem do arquitecto e/ou gabinete de arquitectura exige a definição de uma estratégia de procura da satisfação total do cliente. Torna-se assim fundamental, o incremento de um sistema de qualidade.

FASE 1. Definição da imagem

1.1. Definição da imagem

- Definição da imagem em íntima relação com a elaboração de uma estratégia de actuação.

FASE 2. Criação e utilização dos meios de comunicação existentes

2.1. Constituição de um banco de informações

- Definição das necessidades de informação necessárias ao quotidiano da organização.

2.2. Escolha dos elementos gráficos e formatos

- Criação de uma "carta" gráfica que sirva de suporte aos vários documentos.

2.3. Criação de meios de comunicação

- Criação e colocação em funcionamento dos meios de comunicação: documentação, bem como a própria disposição interna dos vários sectores existentes.

FASE 3. Medição da satisfação total

3.1. Grau de informação e satisfação total dos clientes

- Procedimento de identificação do grau de conhecimento da prestação de serviços por parte dos clientes.

- Melhoria do nível de satisfação dos clientes.

3.2. Grau de satisfação do arquitecto / gabinete de arquitectura

- Procura do grau de satisfação interna, procurando a evolução dos serviços prestados (funções, competências, etc.).

3.3. Validação ou evolução da imagem

- Procedimento de comparação de resultados das acções desenvolvidas, por comparação com os objectivos fixados. A evolução da imagem implicaria, necessariamente, o retorno à fase 1.

Indicadores importantes:

- balanço da satisfação dos clientes.

- balanço da satisfação do arquitecto e/ou gabinete de arquitectura.

7. O grau de acolhimento, mede-se desde a expressão da procura de uma prestação de serviço até à escolha do tratamento adequado a cada cliente. Assim, podemos ter a definição das seguintes fases:

FASE 1. Acolhimento

1.1. Criação de um guia de acolhimento

- Definição de um referencial de princípios e de acções a colocar em prática.

1.2. Colocação em prática do guia de acolhimento

FASE 2. Tratamento dos pedidos dos clientes

2.1. Registo de pedidos

- Proceder com precisão e fiabilidade ao registo dos pedidos e pretensões dos clientes.

2.1. Tratamento dos pedidos registados

- Tratamento dos pedidos registados num curto prazo.

FASE 3. Acompanhamento

3.1. Acompanhamento dos pedidos

- Garantia de cumprimento de 100% dos pedidos efectuados. No caso dos pedidos não terem sido satisfeitos, dever-se-á retornar à fase 1, reiniciando o processo.

Indicador importante:

- número de reclamações após o tratamento dos pedidos.

8. A gestão das competências e da formação torna-se fundamental para uma melhoria na prestação de serviços de arquitectura, melhorando a optimização no desempenho das "missões". Apresentando-se como uma tarefa fundamental de gestão efectiva de recursos humanos, é de importância capital:

FASE 1. *Análise das necessidades*

1.1. Identificação das necessidades

- Definição das necessidades e competências do arquitecto e/ou gabinete de arquitectura.

FASE 2. *Competências*

2.1. Competências internas / externas

- Definição de quais as necessidades de competências que devem ser supridas fora do gabinete de arquitectura ou através de uma solução interna. Caso seja possível uma solução interna, poder-se-á encetar um processo de evolução e aperfeiçoamento de competências.

2.2. Formação contínua

- É fundamental fazer evoluir a competência dos recursos humanos disponíveis numa determinada organização (gabinete de arquitectura), bem como para poder responder às necessidades e pedidos dos clientes.

FASE 3. *Gestão das equipas ("Management")*

3.1. Organização das equipas

- Cada projecto exige uma equipa pluridisciplinar de profissionais fazendo confluir para o mesmo produto final - o projecto de arquitectura -, as diversas competências e responsabilidades.

3.2. Avaliação das competências

- Existe a necessidade de para cada projecto e para cada uma das suas fases, avaliar se as competências da equipa se adequam às várias tarefas a executar.

Indicadores importantes:

- encargos na estrutura de recursos humanos: internos e externos.

9. O tratamento de eventuais reclamações dos clientes deve ser imediatamente atendido. Assim, todo o processo que se descreve, apenas deve ser desencadeado quando se aplica a reclamações que podem ser tratadas imediatamente.

FASE 1. Registo de reclamações

1.1. Identificação

- Atenção a eventuais reclamações por parte dos clientes, exigindo uma disponibilidade total para ouvir, tentando proceder, caso seja possível, a uma resposta imediata.

1.2. Registo

- Torna-se fundamental informar convenientemente a equipa, da existência de uma reclamação sobre um qualquer detalhe do processo de criação / concepção do projecto arquitectónico. Depois, dever-se-á desencadear um processo de acompanhamento, levando a cabo a feitura de documentos onde se registre a evolução de tratamento.

FASE 2. Tratamento

- Abertura de um dossier específico.
- Acompanhamento permanente das acções a desencadear.
- Avaliação do tratamento de todo o processo.

Caso a reclamação tenha sido devidamente tratada e encaminhada dever-se-á proceder ao seu arquivamento, acompanhada de uma lista cronológica das acções levadas a cabo.

Caso a reclamação não tenha sido devidamente tratada e encaminhada dever-se-á desencadear novamente a fase 2, ou seja, recomeçar o tratamento de todo o processo.

Indicadores importantes:

- avaliação do *rácio*: número de reclamações que se devem a deficiências no processo de elaboração do projecto / número de reclamações totais.

- avaliação do *rácio*: número de reclamações tratadas dentro do prazo / número de reclamações totais.

- avaliação da rapidez de tratamento.

10. O poder financeiro do arquitecto e/ou gabinete de arquitectura é importante para a definição de um "budget" (orçamento).

FASE 1. Capacidade financeira previsional ("Budget" previsional)

1.1. Encargos previstos

- Despesas fixas.
- Despesas inerentes a cada prestação de serviço.

1.2. Rendimento previsto

- É importante a definição de um plano mensal prevendo as respectivas datas de recebimento de honorários.

1.3. Tesouraria previsional

- Estabelecimento a partir das previsões realizadas nas fases 1.1. e 1.2., da tesouraria previsional, através da necessidade de criação de um fundo de maneo que permita satisfazer as despesas correntes.

FASE 2. Capacidade financeira real ("Budget" real)

2.1. Encargos reais

- Procedimento de determinação das compras do mês e das despesas em recursos humanos.

2.2. Rendimento real

- Envio das facturas aos clientes o mais rapidamente possível, de modo a receber os honorários fixados no contrato.
- Acompanhamento da facturação, periodicamente e sistematicamente.

2.3. Tesouraria real

- Partindo dos encargos reais que existam, torna-se necessário proceder ao cálculo da tesouraria real.

FASE 3. Análise financeira

3.1. Análise

- Análise dos encargos, causas e os respectivos processos.
- Definição das correcções necessárias e acção sobre os processos.

Indicadores importantes:

- avaliação periódica do *rácio* despesas previstas / despesas reais.
- avaliação periódica do *rácio* receitas previstas / receitas reais.
- avaliação periódica do *rácio* prazos de pagamentos previstos / prazos de pagamentos reais.
- avaliação periódica do *rácio* n.º de horas de trabalho facturadas / n.º de horas trabalhadas.

11. Proceder à análise sistemática dos custos inerentes aos estudos efectuados para cada projecto, exige uma correcta avaliação, desde o estabelecimento da proposta de honorários até à análise do preço de custo. Só desencadeando um processo de avaliação deste tipo, se poderá avançar para a concretização de um contrato com o cliente.

FASE 1. A previsão

1.1. Avaliação dos custos e planeamento das tarefas

- Torna-se importante o estabelecimento da curva previsional de despesas previstas = x (adiantamento).

FASE 2. A realização

2.1. Registo de actividades

- tarefas realizadas;
- n.º de horas gastas.

2.2. Adiantamento realizado

- Cálculo do adiantamento.

2.3. Despesas realizadas

- Cálculo das despesas.

2.4. Curva das despesas = x (adiantamento)

- Fixação da curva de despesas em função do adiantamento.

FASE 3. Análise

3.1. Análise dos encargos

Indicadores importantes

- tempo de procura de um documento.

- número de documentos perdidos.

12. A gestão da informação, surge como a expressão de uma necessidade que se deve consubstanciar, na exploração dos documentos regulamentares e técnicos existentes.

1. Necessidades disponíveis

1.1. Classificação dos documentos

- Torna-se importante a classificação de documentos, regulamentos, legislação em vigor, livros, revistas técnicas, etc.
- É fundamental, a criação de uma base de dados para cada rubrica, facilmente utilizáveis.

1.2. Banco de dados exteriores

- Procedimento de listagem e classificação dos dados provenientes do exterior e documentos obtidos.

2. Documentação

2.1. Necessidades de documentação

- Torna-se importante definir, sempre, quais as necessidades de informação, em função das evoluções técnicas e regulamentos que condicionem a execução de projectos.

3. Actualização e Avaliação

3.1. Actualização

- É importante manter devidamente actualizada toda a documentação (legislação aplicável, regulamentos, etc.) necessária à execução de projectos.

3.2. Avaliação

- Análise dos pontos fracos da documentação existente.
- Melhoria, sempre que se justifique, dos sistemas de classificação, podendo ser encontrado para cada rubrica um sistema diferente. *Exemplo:* sistema CI/SFB para a classificação de catálogos de produtos/documentação técnica, bases de dados contendo índices e conteúdo da legislação aplicável, etc.

Indicadores importantes:

- tempo de procura de um documento.

- número de documentos perdidos.

13. A gestão dos documentos produzidos, na realização de um projecto de arquitectura exigem um controlo, desde a fase de produção de um documento específico até à sua destruição.

1. Documentos-tipo

1.1. Criação de documentos-tipo

- Criação, aprovação e classificação.
- Referenciação de um documento e standardização.
- Actualização constante da lista de documentos produzidos.

1.2. Testar o projecto e gestão dos documentos-tipo

- Garantia de utilização correcta dos documentos-tipo.
- Classificação e arquivo.

1.3. Evolução dos documentos

- Processos de evolução dos documentos (novas necessidades de informação).

2. Criação de dossiers de projecto

2.1. Dossier de projecto

- Início da classificação do dossier de projecto, através de uma referência.
- Introdução em lista e arquivo.

3. Gestão dos documentos de projecto

3.1. Gestão do dossier de projecto

- Procedimento de identificação e localização do dossier de projecto.

3.2. Gestão dos documentos originais reproduzíveis

Exemplo: Procedimento de gestão por formato/natureza: A4 (cronologia), A3 (móveis de arquivo), bases de dados informatizadas (disquetes, types, etc.), etc.

3.3. Gestão dos documentos de secretariado

- Correio expedido e recebido, bem como a cronologia de projectos.

4. Arquivo

4.1. Dossiers de projecto arquivados

4.2. Destruição

- Procedimento de destruição dos documentos de modo programado.

Indicadores importantes:

- número de documentos não encontrados.
 - tempo necessário para encontrar um documento.
-

14. A execução de estudos prévios inicia-se com a análise da procura do cliente à satisfação das suas necessidades, até à aprovação de um programa preliminar.

IDENTIFICAÇÃO DA PROCURA

1. Análise

1.1. Expressão da procura

- Identificação dos objectivos;
- Identificação dos eventuais constrangimentos;
- Definição dos meios de actuação;
- Reformulação da procura.

1.2. Critérios de escolha

- Estabelecimento dos critérios de escolha em função da procura.

2. Hipóteses

2.1. Exploração de hipóteses

- Elaboração de diversas hipóteses de programa preliminar que possam responder à procura e às necessidades do cliente.

3. Simulações

3.1. Simulações

- Criação de diversas simulações: espaciais, funcionais, financeiras, sociais, técnicas, etc.

3.2. Assistência à escolha

- Medição com rigor, dos encargos entre a hipótese proposta e as necessidades do cliente.
- Assistência à escolha da hipótese proposta.

Esta fase culmina ou no abandono do projecto ou na aceitação e aprovação da hipótese proposta.

4. Aprovação

4.1. Programa preliminar

- Execução de um programa preliminar, de acordo com a proposta aprovada.

Deste modo, após a aprovação, poder-se-á evoluir para a elaboração do Programa.

4.2. Balanço do programa preliminar e preparação da construção

- Controlo da execução do programa preliminar durante a construção.

15. Após a aprovação do programa preliminar, desenvolve-se a elaboração do programa-base.

1. Necessidades

1.1. Análise da exequibilidade do projecto

- Análise do *Lugar* de intervenção;
- Controlo da inserção dos objectivos pelo estudo de impacto;
- Controlo e evolução dos objectivos propostos;
- Verificação da matriz predial, escrituras, etc.

1.2. Constituição e recolha de dados

- Compilação de dados relevantes;
- Comparação do programa com projectos similares;
- Balanço de vantagens / inconvenientes das soluções.

2. Estudos

2.1. Definição do programa

- Definição das funções sociais, de actividades e de exigências;
- Sínteses gráficas dos conceitos.

2.2. Revisão do programa / objectivos

- Identificação dos encargos programa / objectivos;
- Controlo da evolução dos objectivos num prazo de 10 anos;
- Verificação da coerência entre os vários elementos do programa.

3. Escolha do empreiteiro

3.1. Dossier de consulta aos empreiteiros

- Fixação dos procedimentos de consulta;
- Organização da consulta;
- Redacção dos dossiers de consulta.

3.2. Escolha do empreiteiro

- Controlo da adequação programa / projecto segundo critérios de qualidade de construção, de acordo com o definido nos respectivos Cadernos de Encargos.
- Comparação das diferentes propostas.
- Assistência e acompanhamento da redacção do contrato.

4. Assistência

4.1. Evolução do programa

- Procedimento de evolução do programa, de acordo com eventuais novas necessidades.

4.2. Balanço do programa / projecto e processo de construção

- Controlo da adequação do programa / projecto / processo de construção.

16. No diagnóstico de edifícios existentes - Recuperação Arquitectónica, surgem diferentes necessidades que deverão ser correctamente identificadas quer pelo cliente, quer pelo arquitecto.

1. Análise da procura

1.1. Análise

- Através da visita ao edifício, procedendo à identificação dos objectivos do diagnóstico.

1.2. Definição de um plano de actuação

- Estabelecimento de um plano de actuação detalhado, contendo todas as tarefas a executar;
- Avaliação dos custos da acção de diagnóstico;
- Redacção de um contrato com o cliente.

2. Diagnóstico

2.1. Estado de conservação

- Análise do edifício dentro do quadro de objectivos do diagnóstico;
- Redacção de um relatório de análise do estado de conservação existente.

2.1. Definição do programa de trabalhos

- Proposta de soluções;
- Numeração das soluções, procedendo à hierarquização de acordo com critérios escolhidos;
- Definição de um plano de realização de trabalhos.

3. Relatório

- Elaboração de um relatório de diagnóstico conforme os objectivos, procedendo à sua aprovação junto do cliente.

Indicadores importantes:

- número de tarefas geradas pela acção de diagnóstico.

- custo estimado dos trabalhos / custo dos trabalhos realizados.

3.1. Licenciamento

- Obtenção de Licenciamento da planta de intervenção.

17. Na elaboração de processos relativos a projectos de licenciamento, é necessário apresentar uma boa coerência global, bem como a optimização das diversas etapas: a sua correcta identificação, desde a fase de programa-base até à obtenção da licença de construção. Assim, torna-se necessário:

Após o estudo do programa:

1. Estudo do Ante-projecto

1.1. Elaboração de esquiços

- Procedimento de desenho do programa.
(Necessidade de obter a validação por parte do cliente).

1.2 Elaboração do ante-projecto

- Estudo do ante-projecto;
- Nesta fase, poder-se-á proceder a um pedido de informação prévia às respectivas autoridades municipais.
(Necessidade de obter a validação por parte do cliente)

2. Dossier relativo a projecto de licenciamento

2.1. Dossier

- Elaboração do dossier;
- Remeter o dossier relativo ao projecto de licenciamento às respectivas autoridades municipais, podendo o projecto geral de arquitectura, apresentar-se do seguinte modo:

Projecto de Arquitectura	Peças escritas Peças desenhadas Maquetes
Projecto Geral	Quadro e esquemas Medições e orçamentos

Projectos de Especialidade

Estrutura	Peças escritas
Rede Eléctrica	Peças desenhadas
Rede de Águas e Esgotos	Quadros e esquemas
Rede de Gás	Medições
Rede Telefónica	Orçamentos
AVAC	
Segurança	
Arranjos exteriores	

3. Processo Administrativo

3.1. Licenciamento

- Obtenção do Licenciamento do projecto de arquitectura.

18. Após a obtenção das autorizações administrativas (licença de construção), torna-se necessário a elaboração de um dossier de consulta aos empreiteiros. Este dossier deve conter todos os desenhos técnicos: Memória Descritiva, Caderno de Encargos, Mapa de Medições, Mapa de Acabamentos, Calendarização prevista.

1. Definição do projecto

1.1. Desenhos à esc. 1/50 (Projecto de Execução)

- Elaboração do Projecto de Execução contendo todos os pormenores necessários, normalmente através de uma primeira versão à esc. 1/50.

1.2. Disposições Técnicas

- Estudo técnico através dos vários desenhos executados. Cumprida a fase de análise atenta dos documentos produzidos, seguir-se-á a consulta aos empreiteiros.

2. Criação do Dossier de Consulta aos Empreiteiros

2.2. Peças escritas

- Elaboração de todas as peças escritas que acompanham o projecto.

2.3. Quantitativos / Estimativas de Custos

- Esta eventual etapa servirá para apontar estimativas de custos para o projecto.

2.4. Revisão do Projecto

- Análise, síntese e verificação de todos os documentos e desenhos elaborados.

3. Finalização do Dossier de Consulta aos Empreiteiros

3.1. Dossier de Consulta completo

- Finalização do dossier de consulta.

Indicador importante:

- número de versões de desenhos e de peças escritas.

19. O processo tendente à consulta e escolha de um empreiteiro, após a finalização e validação do dossier técnico e administrativo de consulta, vai desde o envio de todos os elementos até à escolha de um deles, seguindo-se a assinatura do contrato.

1. Análise das propostas

1.1. Abertura das propostas

- Classificação das propostas;
- Verificação de todos os documentos enviados.

1.2. Análise das propostas

- Análise das propostas, bem como as diferenças entre elas;
- Verificação da conformidade das propostas com os documentos enviados para consulta;
- Verificação das qualificações das empresas proponentes;
- Análise dos métodos e soluções técnicas apontados por cada uma das propostas;
- Verificação, caso existam, dos elementos justificativos e informações técnicas;
- Detecção de erros e omissões ou contradições entre documentos;
- Comparação das diversas propostas;
- Definição dos elementos necessários para a assinatura do contrato.

2. Escolha e negociação

- Assistência ao cliente, na escolha dos empreiteiros e respectiva negociação.

Indicadores importantes:

- número de questões colocadas pelos empreiteiros.
- tempo dispendido na execução de todo este dossier de consulta.

A partir do momento em que se negociam todos os termos do contrato, seguir-se-á a fase de preparação do estaleiro.

20. A preparação do estaleiro, tarefa que deve ser cada vez mais cometida ao arquitecto, começa com a ordem de serviço para o começo dos trabalhos até à validação de todos os documentos necessários para o começo da obra.

1. Concepção da preparação do estaleiro

- Concepção de um plano detalhado que contenha todos os elementos necessários ao bom funcionamento do estaleiro.

2. Preparação do estaleiro

2.1. Intervenientes e organização

- Identificação rigorosa dos intervenientes no processo de construção;
- Organização do estaleiro;
- Organização da informação e sua comunicação.

2.2. Reunião de lançamento

- Motivação dos empreiteiros e empresas intervenientes no processo de construção;
- Apresentação detalhada dos objectivos e o seu previsto desenvolvimento;
- Apresentação do plano de estaleiro.

2.3. Desenhos e documentos de obra

- Preparação de desenhos de obra e de esquemas necessários à boa execução dos trabalhos;

Caso estes documentos sejam elaborados pelos vários empreiteiros, dever-se-á proceder à tarefa de Fiscalização.

2.4. Plano de instalação e segurança do estaleiro

- Estudo rigoroso de um plano, prevendo as condições de segurança, bem como o cumprimento integral dos Regulamentos de Higiéne e Segurança no Trabalho, em vigor.

Indicadores Importantes:

- % de problemas resolvidos sem recorrer a serviços de consultoria

21. A direcção dos trabalhos inicia-se com a ordem de serviço para o começo das obras até à entrega da obra acabada.

1. Arranque dos trabalhos

1.1. Intervenientes

- Identificação dos vários intervenientes;
- Organização e reuniões de estaleiro;
- Organização e correcta divulgação da informação.

2. Desenvolvimento dos trabalhos

2.1. Condução de reuniões periódicas de estaleiro

- Organização, planeamento e condução das reuniões de estaleiro;

2.2. Gestão dos vários dossiers de obra

- Verificação dos documentos produzidos pelos empreiteiros;
- Organização e actualização de todos os documentos.

2.3. Controlo dos trabalhos

- Assegurar o integral cumprimento da boa execução dos trabalhos, conforme o projecto, bem como com os contratos assinados. Inclui-se a gestão de todos os trabalhos considerados suplementares ou não previstos, bem como a sua correcta gestão financeira, de acordo com os orçamentos existentes.
- Dever-se-á proceder também, à gestão da situação mensal dos empreiteiros.

3. Fim do estaleiro

3.1. Operações prévias à recepção da obra

- Preparação de todas as operações prévias à recepção da obra.

3.2. Recepção da obra

- Organização dos procedimentos necessários à recepção da obra.

Indicadores importantes:

- % de problemas resolvidos sem recorrer a serviços de contencioso

22. A gestão do projecto acompanha todas as fases do processo de execução da obra, desde a assinatura do contrato de prestação de serviços com um cliente até à recepção da obra. No entanto, o papel do arquitecto deve prolongar-se após a entrega da obra.

1. Gestão do serviço prestado após entrega da obra

1.1. Gestão de eventuais reclamações

- Reconhecer, isolar e medir os factos, verificando as deficiências;
- Procurar analisar a causa de eventuais deficiências;
- Elaboração, se necessário, de eventuais estudos de correcção;
- Visita à obra, aconselhando os métodos de trabalho para uma correcta reparação.

2. Gestão de serviços complementares e/ou eventuais

2.1. Assistência à outorga de um contrato

- Análise da procura e da oferta;
- Assistência à negociação;
- Redacção do contrato.

2.2. Gestão das reparações

- Ter em conta os objectivos e o eventual programa, do proprietário ou locatário;
- Concepção e garantia da boa execução dos trabalhos.

Indicadores a ter em conta:

- 100% de reclamações atendidas

- Número de desenhos, contratos, programas, peças escritas e de trabalhos complementares que tiveram de ser refeitos.

CAPÍTULO III

Conclusões

Fazendo o balanço do trabalho desenvolvido ao longo do período de estágio, verificou-se a consecução dos principais objectivos propostos.

De facto, o âmbito deste relatório não pretende abranger todo o percurso lento de sedimentação da aprendizagem da disciplina da Arquitectura que fui ao longo destes anos consolidando quer a nível humano, científico, artístico e profissional, e que pude ao longo do período de estágio levar à prática.

No entanto, todas as experiências efectuadas foram importantes para o enriquecimento do meu percurso, tendo tido, sempre, a preocupação de coordenar situações, apreender conhecimentos e saberes, adoptando estratégias, fomentando o rigor e o dinamismo. Deste modo, penso existir uma boa aprendizagem quando o indivíduo se modifica de forma duradoura, pois que o aprendido incorpora-se nele e nos seus esquemas de acção, de maneira que possa dispor dele cada vez que precise, de tal modo que os conhecimentos novos jamais são adquiridos de forma descontínua mas sempre absorvidos em estruturas pré-existentes.

O estágio não pretendeu abordar a totalidade da prática da arquitectura, pois seria tarefa impossível de realizar. No entanto, não quero deixar de sublinhar, a importância de ter tomado consciência de uma quantidade apreciável de problemáticas que têm implicações na profissão do arquitecto, pelo que as várias abordagens não poderão ser vistas, senão como a exigência de uma permanente evolução dos conhecimentos - a chamada formação contínua - e prática arquitectónicas.

Assim, penso que a realização deste estágio permitiu antes de mais, aumentar o investimento na minha formação individual, preparando-me para enfrentar os complexos desafios que se colocam cada vez mais, sobretudo a nós, futuros arquitectos, num quadro de uma economia de informação intensiva onde o conhecimento é o único recurso estratégico que devemos utilizar. Desta forma, a formação não se esgota no percurso académico, tornando imprescindível a informação e actualização constante do arquitecto, requerendo uma capacidade permanente de antecipação e *"invenção do futuro"*.

Em suma: como a disciplina da Arquitectura se nos apresenta como um *fazendo* e não como algo *feito*, o arquitecto terá de estar permanentemente em construção, com uma curiosidade activa, tendo este estágio contribuído para alicerçar os fundamentos dessa minha futura actividade.

Fig. 1 - Alçada, pág. 10

Fig. 2 - Planta, pág. 11

Fig. 3 - Corte, pág. 12

Fig. 4 - Cortes, pág. 13

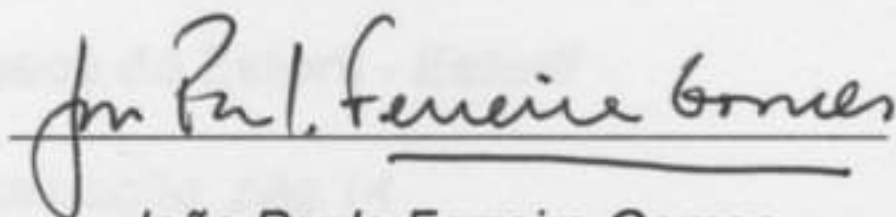
Lisboa, 23 de Abril de 1998

Edifício plurifamiliar - Lisboa

O Estagiário:

Fig. 5 - Planta do PAV-Terço e do Pavimento Intermediário, pág. 13

Centro de Congressos



João Paulo Ferreira Gomes
6.º ano - n.º 3074 - 1997/1998

Fig. 6 - Planta do Pavimento Intermediário

Índice de figuras

Farmácia Beirão Rendeiro - Caminha

Fig.1 - Alçado, *pág.10.*

Fig.2 - Planta, *pág. 11.*

Fig.3 - Corte, *pág.11.*

Fig.4 - Cortes, *pág. 12.*

Edifício plurifamiliar - Lagos

Fig. 5 - Planta do Piso-Tipo e do Piso de Estacionamentos, *pág.13.*

Centro de Congressos do Estoril - Estoril

Fig.6 - Planta de localização, *pág.14*

Bibliografia

1. Bezelga, Artur. *Economia no Projecto de Edifícios*. Volume I e II, Lisboa, (Laboratório Nacional de Engenharia Civil), 1981.
2. Brandão, Pedro. *Por uma estratégia de ampliação e interacção para a arquitectura, como profissão*. JORNAL DOS ARQUITECTOS, n.º 133, Março de 1994.
3. Correia, M. Santos. *Manual do Construtor Civil*. Lisboa, 9.ª edição, s/d.
4. Ganhão, Fernando Nogueira. *A Qualidade Total*. Lisboa, (CEDINTEC - Centro para o Desenvolvimento e a Inovação Tecnológica), 1991.
5. *Organisation et Qualité dans les agences d'Architecture*. Paris, (Agence de Qualité Construction), 1.ª edição, 1996.
6. Revista DIRIGIR, n.º 37. *Criatividade e Inovação*. Lisboa, (Instituto de Emprego e Formação Profissional), Maio/Junho de 1995.



Nuno Leónidas
Arquitectos Associados, Lda.

PARTECER

Declaro que sob minha orientação, João Paulo Ferreira Gomes efectuou estágio no gabinete de arquitectura "NUNO LEÓNIDAS - Arquitectos Associados, Lda.", de 23 de Outubro de 1997 a 23 de Março de 1998, cumprindo de forma constante e diligentemente os objectivos gerais propostos.

ANEXOS


Assim, o trabalho desenvolvido durante o período de estágio envolveu a interação entre os aspectos teóricos e práticos da formação em arquitectura, permitindo o contacto com as tarefas fundamentais à acção da arquitectura, através de:

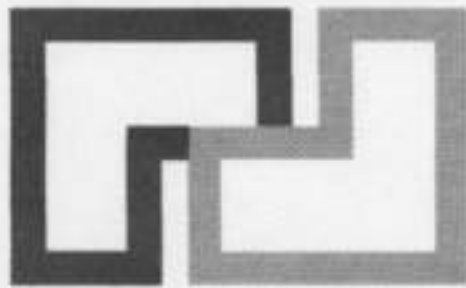
- * Aquisição de experiências profissionais, integrada numa dinâmica pluridisciplinar e responsabilizadora, através do contacto directo com as actividades conducentes à realização de edifícios, bem como com os processos e métodos de construção;
- * Preparação e envolvimento em todas as fases do processo de construção, desde a fase de projecto até à fase de fiscalização.

Em suma: a experiência prática adquirida, decorreu dentro dos parâmetros previstos no plano de estágio efectuado, aumentando a capacidade para a concepção de projectos arquitectónicos.

Lisboa, 2 de Abril de 1998

O Orientador


MARIANA FIGUEIRA RODRIGUES LEÓNIDAS



Nuno Leónidas
Arquitectos Associados, Lda.

PARECER

Declaro que sob minha orientação, João Paulo Ferreira Gomes efectuou estágio no gabinete de arquitectura "NUNO LEÓNIDAS – Arquitectos Associados, Lda.", de 23 de Outubro de 1997 a 23 de Março de 1998, tendo cumprido competente e diligentemente os objectivos gerais propostos.

Assim, o trabalho desenvolvido durante o período de estágio envolveu a interacção entre os aspectos teóricos e práticos da formação em arquitectura, permitindo o contacto com as tarefas fundamentais à acção do arquitecto, através da:

- Aquisição de experiência profissional, integrada numa dinâmica pluridisciplinar e responsabilizadora, através do contacto directo com as actividades conducentes à realização de edifícios, bem como com os processos e métodos de construção;
- Preparação e envolvimento em todas as fases do processo de construção, desde a fase de projecto até à fase de fiscalização.

Em suma: a experiência prática conferida, decorreu dentro dos parâmetros previstos no plano de estágio efectuado, aumentando a capacidade para a concepção de projectos arquitectónicos.

Lisboa, 2 de Abril de 1998

O Orientador

NUNO MARIA FIGUEIRA RODRIGUES LEÓNIDAS

Nuno Maria Figueira Rodrigues Leônidas

Arquiteto
Nascido em 21 de Março de 1954,
Ourense (Brasil)

Habilitações

Curso de Arquitectura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1971-1974), licenciatura na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil (1979).

Diploma de Magistério, em Planeamento Urbano e Regional na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil (1980).

Complementos às suas habilitações efectuando:

- Curso sobre o Processo de Intervenção em Sítios Clássicos Italianos e seu Património Histórico, ministrado por Professor Augusto Leonardo Senozzi na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil (1985).
- Curso de Extensão Universitária sobre Energia Solar Aplicada à Arquitectura na Fundação Mário Proença, Rio de Janeiro, Brasil (1986).
- Curso sobre Residência e Arquitectura no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (1982).

Actividade Docente e Cultural

Na Fundação Mário Proença, Rio de Janeiro, foi professor nos 1.º e 2.º Cursos de Extensão Universitária sobre Energia Solar Aplicada à Arquitectura, Arquitectura e Meio Ambiente e no 1.º Ciclo de Conferências sobre Energia Solar Aplicada à Arquitectura (1987).

Em 1980 foi professor no 1.º Curso de Pós Graduação PGE Especialização em Arquitectura Ambiental na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1983).

Currícula

em Casa Geral de Desporto – Pórtico Grande
Intervenção Passiva no 2.º Congresso Nacional de



Nuno Maria Figueira Rodrigues Leónidas

Arquitecto.
Nasceu em 31 de Março de 1954.
Director Geral.

Professor Director de Arquitectura e de Arquitectura Solar Passiva em nome da Sociedade Portuguesa de Energia Solar, recentemente no Conselho Superior de Obras Públicas, na P.L.L. e no Ministério da Indústria.

Distinções

Foi o 17.º classificado no Prémio César Cantanhede de Arquitectura pelo 1.º Concurso Comunitário Ibérico no Rio de Janeiro, Brasil (1977).

Obteve também a 1.ª classificação no Concurso Nacional de Habitação — 2001, para um Solar, Brasil (1979).

Actividades Profissionais

De 1971 a 1974, como estagiário, no Departamento de Serviços do Bom Estado Rural, Ministério do Interior, de renovação urbana de diversos vilarejos, nomeadamente Santo António do Barão e de São Pedro do Sul.

Ainda como estagiário, com a Associação de Arquitectos participou em projectos de edifícios habitacionais.

Em 1975, no Rio de Janeiro, Brasil, como director da Lida., supervisionou a obra de construção de um edifício de habitação, desenvolvendo as actividades de coordenação e fiscalização das obras de construção.

Fundou VERTIGO - Projectos e Construções, Lda., em 1976, assumindo o cargo de director técnico e responsável pela execução e gestão de projectos de arquitectura e engenharia e equipamento exterior para edifícios.

Em CECAN - César Cantanhede Administração, Lda., desenvolveu o plano de Urbanização do empreendimento logístico e o projecto de arquitectura de edifícios.

Em 1979 associou-se ao empreendimento de Urbanização e Arquitectura, Lda., em Lisboa, junto à galeria Norte Lateral do Parque Cruz-Árquiteto, Associação, Lda.

Desde então coordena toda a actividade técnica e técnica de Director Geral.

Habilitações

Cursou **Arquitectura** na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1971-1974), formando-se na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil (1979).

Efectuou Pós-graduação, em **Planeamento Urbano e Regional** na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil (1980).

Complementou as suas habilitações efectuando:

- Curso sobre o **Processo de Intervenção em Seis Cidades Italianas e seu Património Histórico**, ministrado pelo Professor Arquitecto Leonardo Benévolo na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil (1980).
- Curso de Extensão Universitária sobre **Energia Solar Aplicada à Arquitectura** na Fundação Mário Pinotti, Rio de Janeiro, Brasil (1980).
- Curso sobre Aerodinâmica e Arquitectura no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (1983).

Actividades Didácticas e Culturais

Na Fundação Mário Pinotti, Rio de Janeiro, foi professor nos II e III Cursos de Extensão Universitária sobre **Energia Solar Aplicada à Arquitectura, Arquitectura e Meio Ambiente** e no I Ciclo de Conferências sobre **Energia Solar Aplicada à Arquitectura** (1980).

Em 1983 foi professor no I Curso de Pós Graduação PG2 **Especialização em Arquitectura Ambiental** na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1983).

Apresentou a comunicação Caixa Geral de Depósitos — **Pedrogão Grande — Integração de uma Habitação Passiva** no 2.º Congresso Ibérico de Energia Solar, Lisboa (1984).



Proferiu diversas conferências sobre o tema **Arquitectura Solar Passiva** em nome da Sociedade Portuguesa de Energia Solar, nomeadamente no Conselho Superior de Obras Públicas, na F.I.L. e no Ministério da Indústria.

Distinções

Foi o 1.º classificado no Prémio Klabin Universitário de Arquitectura para um Centro Comunitário Infantil no Rio de Janeiro, Brasil (1977).

Obteve também a 1.ª classificação no Concurso promovido pelo Banco Nacional de Habitação — BNH, para um Projecto de Habitação de Interesse Social, Brasil (1979).

Actividades Profissionais

De 1971 a 1974, como estudante, no Departamento de Arquitectura dos Serviços do Bem Estar Rural, Ministério da Agricultura, participou no programa de renovação urbana de diversas aldeias, nomeadamente as do Carrapatelo, de Santo António do Baldio e de São Pedro do Corval, no Alentejo.

Ainda como estudante, com o Arquitecto João Manuel Alves de Souza, participou em projectos de edifícios habitacionais (1974-1975).

Em 1975, no Rio de Janeiro, Brasil, como director técnico de **Sopal do Brasil, Ltda.**, supervisionou diversos empreendimentos ligados ao sector turístico e hoteleiro, destacando-se os projectos de arquitectura, planeamento, coordenação e fiscalização das obras dos restaurantes Guarda-Mor e Nino.

Fundou **VÉRTIGO-Projectos e Construções, Ltda.**, (1977-1978), ocupando o cargo de director técnico e financeiro. Entre os trabalhos executados destaca-se o projecto de arquitectura e urbanização de um conjunto de 264 moradias e equipamentos colectivos para Saquarema, RJ, Brasil.

Em **CECAN - César Cantanhede, Organização, Planeamento e Administração, Ltda.**, desenvolveu, entre outros, o estudo de viabilidade e o plano de Urbanização do empreendimento Água Branca, São Paulo (4800 fogos) e o projecto de arquitectura do edifício sede desta firma.

Em 1979 associou-se ao arquitecto Regino Cruz na firma **Balaia Projectos de Urbanismo e Arquitectura, Ltda.**, no Rio de Janeiro, e em 1980, em Lisboa, fundou o gabinete **Nuno Leónidas, Regino Cruz-Arquitectos Associados, Lda.**

Desde então coordena toda a actividade do gabinete em Portugal onde ocupa a função de Director Geral.



Introduction

At the end of the 19th century, the architectural profession in Lisbon was divided into several groups. In 1900, the group of architects known as the "Grupo de Arquitectos" was founded in Lisbon in the year of 1900 by the architect, Luís Ledezma, architect. It's origin goes back to 1900 in Lisbon, and since then, has grown into a highly professional and well respected company.

At the result of more than two hundred projects done and master's qualifications in public works, the group has naturally developed several areas of expertise such as:

- Town Planning
- Hotel and Tourist Projects
- Office and Corporate Buildings
- Housing Developments
- Passive Solar Architecture
- Interior Design
- Feasibility Studies
- Project Coordination
- Construction Supervision

Equipped with advanced computer technologies, in areas such as simulation and Computer Aided Design, the company has developed software and methodologies to improve the efficiency and quality of internal management and project management.

The current internal staff is composed of:

- 3 Project Managers
- 6 Architects
- 2 Interior Designers
- 3 Draftsmen
- 1 Quantity Surveyor
- 1 Systems Manager
- 3 Administrators

Apresentação

At the end of the 19th century, the architectural profession in Lisbon was divided into several groups. In 1900, the group of architects known as the "Grupo de Arquitectos" was founded in Lisbon in the year of 1900 by the architect, Luís Ledezma, architect. It's origin goes back to 1900 in Lisbon, and since then, has grown into a highly professional and well respected company.

At the result of more than two hundred projects done and master's qualifications in public works, the group has naturally developed several areas of expertise such as:

Desde então foi exercida uma intensa actividade profissional que se traduziu em cerca de duas centenas de projectos realizados e inúmeras distinções, graças aos concursos.

Da área de principais áreas de actuação salientamos:

- Planos de urbanização
- Hotéis e Turismo
- Edifícios e Edifícios Industriais
- Habitação
- Integração paisagística
- Arquitectura de Interiores e Design
- Arquitectura Social, Pastoral
- Estudos de Viabilidade
- Coordenação de projectos integrados
- Assistência técnica e fiscalização de obras

Equipado com tecnologia de ponta, e utilizando as mais modernas ferramentas, em áreas de gestão, manutenção de informação de projectos, e desenho auxiliado por computador (CAD).

Desde então desenvolveu software e técnicas próprias adaptadas à realidade do quotidiano projectual, que tem vindo a ser constantemente aperfeiçoada.

Presentemente conta com o seguinte quadro de pessoal:

- 3 Gestores de Projectos
- 6 Arquitectos
- 2 Decoradores
- 3 Desenhadores
- 1 Técnico Operacional
- 1 Técnico de Informática
- 3 Administradores

Introdução



Introduction

Although of a medium size, the creative and flexible approach of the group allows it possible to develop projects of a very large size. Based upon collaborations with other national and foreign well reputed companies.

«Nuno Leónidas — Arquitectos Associados, Lda.» was founded in Lisbon in the year of 1980 by Nuno Leónidas, architect. It's origin goes back to 1979 in Brasil, and since then, has grown into a highly professionalized and well reputed company.

As the result of more than two hundred projects done and excellent classifications in public competitions, the group has naturally developed several areas of expertise such as:

- Town Planning
- Hotel and Tourist Projects
- Office and Corporate Buildings
- Housing Developments
- Passive Solar Architecture
- Interior Design
- Feasibility Studies
- Project Coordination
- Construction Supervision

Equiped with advanced computer technologies, in areas such as administration and Computer Aided Design, the company has developed software and technologies to improve the efficiency and quality of internal methodology and project management.

The current technical staff is composed of:

- 3 Project Managers
- 6 Architects
- 2 Interior Designers
- 3 Draftsmans
- 1 Quantity Surveyor
- 1 System's Manager
- 3 Administrative

Apresentação

Embora num tamanho médio, a abordagem criativa e flexível do grupo permite a possibilidade de desenvolver projectos de uma dimensão muito grande. Baseado em colaborações com outras empresas nacionais e estrangeiras, bem como a desenvolvimento de projectos de grande dimensão.

«Nuno Leónidas — Arquitectos Associados, Lda.» foi fundada em Lisboa, no ano de 1980 sob a coordenação do Arq. Nuno Leónidas, na sequência de trabalhos iniciados em 1979 no Brasil.

Desde então foi exercida uma intensa actividade profissional que se traduz em cerca de duas centenas de projectos realizados e excelentes classificações obtidas em concursos.

De entre as principais áreas de actuação salientam-se:

- Planos de Urbanização
- Hotelaria e Turismo
- Escritórios e Edifícios Institucionais
- Bancos
- Habitação colectiva
- Arquitectura de Interiores e Design
- Arquitectura Solar Passiva
- Estudos de Viabilidade
- Coordenação de projectos integrados
- Assistência técnica e fiscalização de obras

Equipado com tecnologia de ponta, o gabinete está devidamente informatizado, em funções de gestão, tratamento de informação de projecto, e desenho assistido por computador (CAD).

Nesse sentido desenvolveu software e técnicas próprias adequadas à metodologia de gestão de projecto, que tem vindo a ser constantemente aperfeiçoada.

Presentemente conta com o seguinte quadro de pessoal:

- 3 Gerentes de Projecto
- 6 Arquitectos
- 2 Decoradores
- 3 Desenhadores
- 1 Medidor Orçamentista
- 1 Técnico de Informática
- 3 Elementos Administrativos



INTRODUCTION

Although of a medium size, the dynamic and flexible approach of the group, makes it possible to develop projects of a very large size, based upon associations with other national and foreign well reputed companies.

Of the most representative national groups which this office has worked with, we can name:

ARQUI III
CINCLUS
CÂNCIO MARTINS
GAPRES
INTERGAUP
LUÍS MALHEIRO DA SILVA
PARTEX
CPU Consultores

As a major strategy on the development of some important projects, as well as to internationalized the activities in EEC countries, associations with internationally renown companies has been carried out, such as:

CONRAN DESIGN GROUP
GARLAND DESIGN ASSOCIATES
HENRI LA FONTA Architecture et
Environement
INTER ART ÉTUDES
LE BAIL ET PENVEN Architectes
SERETE CONSTRUCTIONS
TAYLOR WOODROW
PD DESIGN COMPANY

«Nuno Leónidas-Arquitectos Associados, Lda.»

Av. Visconde Valmor, 69-5º

1000 Lisboa

Tels. (01) 7933345/7933445 Fax (01) 7933395

Contribuinte n.º 501 419 314

Capital Social 1.000.000\$00

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa n.º 58624

INTRODUÇÃO

Embora constituindo um Gabinete de médio porte, pela sua estrutura dinâmica e flexível e pela sua capacidade de Associação com gabinetes nacionais e estrangeiros, está apto a desenvolver projectos de grande envergadura.

De entre as empresas e gabinetes com que tem estado associado em Portugal destacam-se:

ARQUI III
CINCLUS
CÂNCIO MARTINS
GAPRES
INTERGAUP
LUÍS MALHEIRO DA SILVA
PARTEX
CPU Consultores

Numa estratégia de internacionalização tem estado associado em importantes projectos a gabinetes de renome internacional como:

CONRAN DESIGN GROUP
GARLAND DESIGN ASSOCIATES
HENRI LA FONTA Architecture et
Environement
INTER ART ÉTUDES
LE BAIL ET PENVEN Architectes
SERETE CONSTRUCTIONS
TAYLOR WOODROW
PD DESIGN COMPANY



INTRODUCTION

The increasingly international nature of the property industry in Europe is being accelerated by the establishment of the single market economy. Business, service industries and commercial developers are spreading their risk and markets further afield. Lack of familiarity with operating procedures away from home has created a demand for consultants who can offer the necessary local knowledge and expertise.

Perspective has been formed in response to this need. The initial objective has been to create a grouping of independent European practices offering architectural and related services in several countries. Further members are currently being sought from EC countries not yet represented in the group.

The member practices share the same professional and business ethics and are capable of providing architectural services nationwide to a uniformly high standard. All have an established reputation within their own countries and are committed to the aims and objectives of Perspective.

OBJECTIVES

The group operates as a federation where any two or more members may combine, collaborate or simply introduce a client on a cross border project. Such arrangements are formulated to suit client requirements but with emphasis always placed on utilising the local expertise and knowledge of the practice in whose country the project is taking place.

Perspective also operates as an exchange for ideas and information, better enabling its members to keep abreast of developments in such fields as computer aided design, environmental issues and quality assurance.

INTRODUÇÃO

A internacionalização da indústria imobiliária europeia está a ser acelerada pelo estabelecimento de um mercado único. Nas áreas de negócios, serviços e comerciais, os empresários diversificam os seus riscos investindo em mercados além-fronteiras. O desconhecimento dos procedimentos operacionais nestes mercados criaram uma procura de consultores que pudessem oferecer o necessário conhecimento técnico local.

Em resposta a esta necessidade foi formado o grupo Perspective, tendo como objectivo a criação de uma associação de gabinetes europeus independentes oferecendo serviços na área da arquitectura em diversos países.

Os gabinetes membros partilham os mesmos princípios éticos e profissionais estando habilitados a prestar serviços de arquitectura a nível nacional com elevado padrão de qualidade comum. Todos os membros do grupo gozam de firme reputação nos seus países e advogam os princípios e objectivos da Perspective.

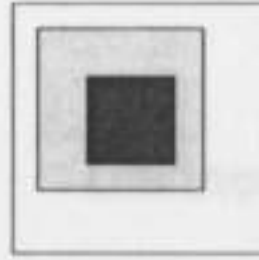
OBJECTIVOS

A organização federativa do grupo permite a associação de dois ou mais gabinetes em colaboração ou simples apresentação a clientes em projectos além-fronteiras. Este tipo de acordo tem como objectivo a satisfação das necessidades do cliente, enfatizando a utilização de mão de obra e experiência do gabinete em cujo país decorre o projecto.

Por outro lado, o grupo está habilitado a constituir consórcios internacionais para concorrer a grandes projectos, mobilizando para tal centenas de arquitectos e especialistas dos seus quadros.

A troca de ideias e informações entre membros da Perspective possibilita a sua actualização em campos como CAD, questões ambientais e controle de qualidade.





PERSPECTIVE
E • E • I • G

LISTA DE MEMBROS

ESPAÑA - B/SV Bernar Sainz de Vicuña Arquitectos S.L.

BÉLGICA - ELD partnership bvba

ITÁLIA - F&P Architects

ALEMANHA - HWP Hauss, Walla & Partner GmbH

FRANÇA - LPA Levy Peaucelle et Associés

PORTUGAL - Nuno Leónidas, Arquitectos Associados Lda

HOLANDA - OD 205

REINO UNIDO - Quadriga Ltd

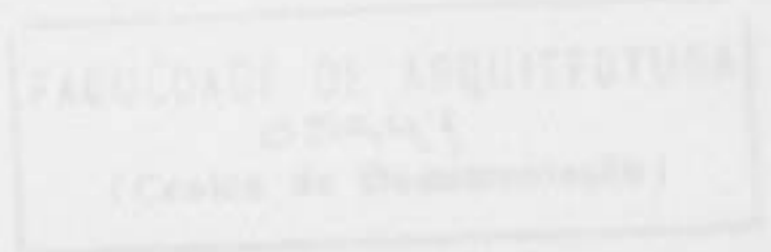
SUÉCIA - Ahlqvist & Co

BEYOND EUROPE

In addition to the European network, the group has, through members overseas offices or associations, the ability to operate in most parts of the world, such as Singapore, Bandung, Riyadh, Auckland, Lomé and Prague.

ALÉM EUROPA

Complementarmente à rede europeia, o grupo tem a possibilidade de actuar em grande parte do mundo através de sucursais ou associações dos gabinetes membros, em locais como Singapura, Bandung, Riyadh, Auckland, Lomé e Praga



Distinções

- 1º Prémio** ZONA 5.1 VILAMOURA
Área do terreno - 40 ha/1.500 fogos
Concurso para o estudo de volumes e expressão arquitectónica (1981)
- 1º Prémio** HOSPITAL DO MINISTÉRIO DA MARINHA-5º DN
Rio Grande, RS, Brasil
Área construída - 5.891 m²
Concurso para o Anteprojecto de arquitectura, urbanização e projectos complementares (1984)
- 1º Prémio** CLUBE DE CAMPO DOS SERVIDORES DO SERPRO
(Serviço Federal de Processamento de Dados)
Cachoeira de Macacu, RJ, Brasil
Área do terreno - 40 ha, área construída - 4.225 m²,
Área de equip. colectivos - 70.000 m²
Concurso Internacional para o estudo prévio de arquitectura e urbanização (1984)
- 2º Prémio** NOVA SEDE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS,
LISBOA CONSÓRCIO I.T.A. - INTERGAUP.
TRIEDE, SERETE
Área construída - 180.000 m²
Concurso Internacional para estudo prévio de arquitectura e urbanização (1984/1985)
- 1º Prémio** (ex-aequo) HOTEL WAGONS-LITS 4 *, Av. da Liberdade, Lisboa
Área construída - 12.500 m²
Concurso Internacional para estudo prévio de arquitectura e decoração (1986)
- 1º Prémio** IMOVALOR-EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS,
Av. Duque d'Ávila, Lisboa
Área construída - 8.553 m²
Concurso para o estudo prévio de arquitectura (1988)
- 1º Prémio** PORTO DE LAGOS COUNTRY CLUB,
Portimão, Algarve.
Área do terreno - 38.064 m²
Área construída - 3.042 m²
Concurso para o estudo prévio de urbanização e arquitectura - (1988)
- 3º Prémio** (ex-aequo) BANCO DE PORTUGAL,
NOVA SEDE, LISBOA
Área construída - 108.960 m²
Concurso Nacional para o estudo prévio de arquitectura (1989)
- 1º Prémio** EPUL - ZONA NASCENTE DA ENCOSTA DO RESTELO, LISBOA
Área do terreno - 55.000 m²
Área construída - 55.000 m²
Concurso Nacional de ideias e expressão arquitectónica (1992)



FACULDADE DE ARQUITECTURA
05941
(Centro de Documentação)

